

MARIEL GUERREIRO DA FONSECA MARTINS

**O CENTRO ESPÍRITA DISCÍPULOS DE JESUS COM
POTENCIALIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL
NO CONTEXTO DA TERRITORIALIDADE CENTRAL DE
CAMPO GRANDE - MS**

BOLSISTA UCDB

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE- MS
2019**

MARIEL GUERREIRO DA FONSECA MARTINS

**O CENTRO ESPÍRITA DISCÍPULOS DE JESUS COM
POTENCIALIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL
NO CONTEXTO DA TERRITORIALIDADE CENTRAL DE
CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência final para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a Orientação da Prof.^a. Dr^a. Maria Augusta de Castilho.

Linha de Pesquisa: Linha 1 - Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB - Bolsa Excelência

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE- MS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

M386c Martins, Mariel Guerreiro da Fonseca

O Centro Espírita Discípulos de Jesus com Potencialidades para o desenvolvimento local no contexto da territorialidade central de Campo Grande - MS / Mariel Guerreiro da Fonseca orientadora Maria Augusta de Castilho; coorientadora Arlinda Dorsa, Inês Aparecida Tozetti.-- 2019.

97 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) -
Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019
Inclui bibliografia

1. Centro Espírita Discípulos de Jesus - Campo Grande (MS). 2. Espiritismo. 3. Desenvolvimento local. 4. Artesanato. 5. Comunidade. I. Castilho, Maria Augusta de. II. Dorsa, Arlinda Cantero. III. Tozetti, Inês Aparecida. IV. Título.

CDD: 291.21

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “O Centro Espírita Discípulos de Jesus com potencialidades para o desenvolvimento local no contexto da territorialidade central de Campo Grande-MS”.

Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 20/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Maria Augusta de Castilho

Profª Drª Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco

Arlinda Cantero Dorsa

Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco

Inês Aparecida Tozetti

Profª Drª Inês Aparecida Tozetti
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Para Maria Otilia e Jeronymo
Fonseca - *in memoriam* (meus
pais) pelo grande amor a mim
dedicado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu a vida e com infinita bondade e misericórdia encaminhou para me orientar, minha orientadora Dr^a Maria Augusta de Castilho.

A Jesus, nosso Mestre Divino pelos Seus ensinamentos.

À UCDB - Universidade Católica Dom Bosco, por me proporcionar uma Bolsa Integral de Estudos, para cursar o referido mestrado.

Ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico pela competência e profissionalismo.

A esta Banca Examinadora, pelas considerações que enalteceram esta pesquisa.

À minha querida mãe, Maria Otília e irmãos: Rosane, Enier e Zilei, pelo apoio incondicional em minha vida, em especial ao meu pai Jeronymo Gonçalves da Fonseca (*in memoriam*) meu exemplo de amor ao próximo!

Ao meu esposo, Paulo Antônio Cunha Martins e minha filha Isadora Guerreiro da Fonseca Martins pelo incentivo, carinho e paciência.

Aos trabalhadores e amigos do Centro Espírita Discípulos de Jesus, pela dedicação no trabalho do bem.

À Maurisbela de Sá Firmino pelo amor que tem pela Casa de Amália.

Aos frequentadores da Casa de Amália, parte essencial desta pesquisa, os quais eu considero meus irmãos de alma.

À Eliane Brunet, escritora que tanto contribuiu para a realização deste trabalho.

À Angela Mara Barsante Santos Moreno, por ter me ajudado com material para esta pesquisa.

Aos meus colegas de mestrado, em especial à minha amiga Denise Engleitner pelo estímulo e companheirismo no decorrer do curso.

Em memória aos pioneiros do espiritismo em Mato Grosso do Sul, Constantino Lopez Rodrigues, Maria Edwiges de Albuquerque Borges e Jeronymo Gonçalves da Fonseca, pela coragem, perseverança e amor pela doutrina espírita.

Eternamente grata.

*Bem-aventurado aquele que ao se
entregar ao descanso pode dizer:
“Hoje enxuguei uma lágrima”.*
- Padre Germano -

MARTINS, Mariel Guerreiro da Fonseca. **O Centro Espírita Discípulos de Jesus com potencialidades para o desenvolvimento local no contexto da territorialidade central de Campo Grande - MS.** 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande - MS.

RESUMO

O Centro Espírita Discípulos de Jesus é uma instituição que promove por meio dos princípios da doutrina espírita a caridade cristã e o desenvolvimento integral do indivíduo. A Casa de Amália é um dos departamentos externos do centro espírita e está localizada na periferia da cidade de Campo Grande, no bairro Nova Lima. Nesse sentido, a pesquisa objetivou analisar a comunidade da Casa de Amália como instrumento impulsionador do desenvolvimento local. O desenvolvimento local tem sido motivo de intenso estudo entre os profissionais de diversas áreas do conhecimento científico na busca da construção dos conceitos, por meio de um processo amplo de debate permanente, como nova maneira de promover o crescimento. Tal desenvolvimento contribui para melhoria da qualidade de vida das comunidades locais, para que possam despertar ou descobrir suas vocações, que no presente caso são as atividades desenvolvidas na Casa de Amália. Para tanto, se fez necessário conhecer: histórico do CEDJ, elencar as contribuições dos seus departamentos externos para a sociedade, tendo como foco o perfil da comunidade estudada, suas ações, pois sem conhecer a comunidade em questão, bem como sua realidade se tornaria difícil visualizar os caminhos a serem seguidos. O método utilizado no trabalho foi o indutivo, com cortes transversais, valendo-se ainda de uma pesquisa exploratória, bibliográfica, com coleta de dados na população alvo via questionários, abarcando aspectos do artesanato desenvolvido pelas ações do CEDJ na comunidade da Casa de Amália. Da análise dos dados coletados, constatou-se que existe entre os membros do grupo uma integração, sentimento de pertença, um apreço muito grande pelo que foi construído ao longo do tempo, solidariedade, além de estar sugerindo de forma autônoma a escolha de projetos profissionalizantes, visando à melhoria da qualidade de vida e contribuindo com o desenvolvimento local.

Palavras-chave - Artesanato. Comunidade. Sentimento de pertença. Espírita.

MARTINS, Mariel Guerreiro da Fonseca. **The Disciples of Jesus Spiritist Center with potential for local development in the context of the central territoriality of Campo Grande - MS.** 2019. 101 f. Dissertation (Master in Local Development) - Catholic University Don Bosco. Campo Grande, MS.

ABSTRACT

The Disciples of Jesus Spiritist Center is an institution that promotes, through the principles of the Spiritist Doctrine, Christian charity and the integral development of the individual. The Amália House is one of the external departments of the Spiritist Center and is located on the outskirts of the city of Campo Grande, in the neighborhood of Nova Lima. In this sense, the research aimed to analyze the community of Casa de Amália as a tool for local development. Local development has been the subject of intense study among professionals in several areas of scientific knowledge in the search for the construction of concepts, through a broad process of permanent debate, as a new way to promote growth. Such development contributes to the improvement of the quality of life of local communities, so that they can awaken or discover their vocations, which in the present case are the activities developed in the Casa de Amália. For that, it became necessary to know: history of the CEDJ; to emphasize the contributions of its external departments to society, focusing on the profile of the community studied, its actions, because without knowing the community in question, as well as its reality would become difficult to visualize the paths to be followed. The method used in the work was the inductive one, with transversal cuts, using an exploratory, bibliographic research, with data collection in the target population via questionnaires, covering aspects of the handicraft developed by the actions of the CEDJ in the community of Casa de Amália. From the analysis of the collected data, it was verified that among the members of the group an integration, a feeling of belonging, a great appreciation for what was built over time, solidarity, besides being autonomously suggesting the choice of professional projects, aiming at improving the quality of life and contributing to local development.

Keywords: Crafts. Community. Feeling of belonging. Spiritist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Constantino Lopez Rodrigues em 1934	17
Figura 2	- Primeira ata do Centro Espírita Discípulos de Jesus em 1934	18
Figura 3	- Centro Espírita Discípulos de Jesus em 1934	19
Figura 4	- A movimentação na rua Maracaju. Na lateral da foto, a seta está indicando o Centro Espírita em 1954	20
Figura 5	- Maria Edwiges de Albuquerque Borges em 1942	21
Figura 6	- Ouchy em 1932	21
Figura 7	- Maria Edwiges e Gumercindo em 1935	22
Figura 8	- Sanatório Mato Grosso em construção em 1965	23
Figura 9	- Jeronymo Gonçalves da Fonseca em 1991	24
Figura 10	- Jeronymo e Maria Otilia em 1957	25
Figura 11	- Formatura da primeira turma de Pedagogia na Faculdade Dom Aquino em 1965	25
Figura 12	- Casa de Amália. em 2019	26
Figura 13	- Padre Germano, em 2016	27
Figura 14	- Angela Mara Barsante Santos Moreno em 2015	28
Figura 15	- Espaço Jeronymo Gonçalves da Fonseca em 2019	29
Figura 16	- Espaço do Ateliê Ouvidores de Cores em 2019	30
Figura 17	- Enier Guerreiro da Fonseca	30
Figura 18	- Centro Espírita Discípulos de Jesus em 2019	32
Figura 19	- Detalhe da janela do CEDJ em 2019	33
Figura 20	- Salão do Centro Espírita Discípulos de Jesus em 2019	34
Figura 21	- Chapeleira do CEDJ em 2019	34
Figura 22	- Cine Teatro Alhambra em 1940	37
Figura 23	- Canteiro de obras do Sanatório Mato Grosso em 1951	38
Figura 24	- Canteiro de obras do Sanatório Mato Grosso em 1951	38
Figura 25	- Maria Edwiges Borges em 1951	39
Figura 26	- Ala do Pavilhão Central em 1953	39
Figura 27	- Ala do Pavilhão Central em 1953	40
Figura 28	- Ala do Pavilhão Lateral em 1953	40
Figura 29	- Fachada frontal do Sanatório Mato Grosso em 1966	41
Figura 30	- Fachada frontal do Sanatório Mato Grosso em 1966	41
Figura 31	- Jeronymo G. da Fonseca, Maria Edwiges Borges e Dr. Luis Salvador em 1966	42

Figura 32 - Atual fachada frontal do Hospital Nossa Lar em 2018	43
Figura 33 - Pintura em Telas em 2016	44
Figura 34 - Centro de Recuperação Maria Edwiges Borges (Hospital Dia) em 2019	44
Figura 35 - Fachada da Casa da Criança na rua Dom Aquino em 2017	45
Figura 36 - Casa da Criança em 2017	46
Figura 37 - Voluntários do grupo do Padre Germano em 2017	48
Figura 38 - Crianças do Padre Germano em 2017	48
Figura 39 - Crianças embaixo das árvores em 1987	50
Figura 41 - Crianças nos quintais das casas em 1995	51
Figura 42 - A cabana em 1997 A cabana em 1997	51
Figura 43 - Palestra para os adultos em 1997	51
Figura 44 - Jovens no futebol em 1998	52
Figura 45 - Aulas de evangelização em 1998	52
Figura 46 - Aulas de evangelização em 1998	52
Figura 47 - Palestra para os adultos em 2004	54
Figura 48 - Crianças na sala em 2004	54
Figura 49 - Crianças na sala em 2007	55
Figura 50 - Crianças na sala em 2007	55
Figura 51 - Crianças e adultos recebendo presentes no natal em 2014	57
Figura 52 - A comunidade recebendo cestas de alimentos em 2014	57
Figura 53 - Aulas de bordado em 2015	58
Figura 54 - Aulas de bordado em 2015	58
Figura 55 - Artesanato na Casa de Amália	59
Figura 56 - Trabalhos desenvolvidos pela sala de costura Amália Domingo Soler no CEDJ em 2017	61
Figura 57 - Trabalhos desenvolvidos pela sala de costura Amália Domingo Soler no CEDJ em 2017	61
Figura 58 - Maria Otilia Fonseca em 2019	62
Figura 59 - Enxoval de bebê doado às mães gestantes em 2018	62
Figura 60 - Casa arrombada no bairro Nova Lima em 2018	87
Figura 61 - Ônibus depredado no bairro Nova Lima em 2018	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência à Casa de Amália	75
Gráfico 2 - Frequência semanal das pessoas	76
Gráfico 3 - Gênero dos frequentadores Gênero dos frequentadores	77
Gráfico 4 - Nível de escolaridade	78
Gráfico 5 - Renda familiar em relação ao salário mínimo	80
Gráfico 6 - Origem da fonte de renda	81
Gráfico 7 - Participação em atividades oferecidas pela Casa de Amália desde sua fundação	82
Gráfico 8 - Participação em ações da casa como voluntário	83
Gráfico 9 - Atividades da casa e influência socioeconômica	84
Gráfico 10 - De que forma o indivíduo chegou até à Casa de Amália	85
Gráfico 11 - Interação e cooperação do grupo	85
Gráfico 12 - Frequência em reuniões fora da Casa de Amália para troca de informação e experiências	88
Gráfico 13 - Atuação da Casa de Amália na melhora da vida na comunidade	89
Gráfico 14 - As atividades que a Casa de Amália poderia oferecer	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Local que o participante reside	74
Tabela 2 - Frequência à Casa de Amália	75
Tabela 3 - Frequência à Casa de Amália atualmente	76
Tabela 4 - Perfil dos frequentadores	77
Tabela 5 - Escolaridade	79
Tabela 6 - Interação e cooperação do grupo	86
Tabela 7 - Frequência em reunião fora da Casa de Amália para trocas de informação e experiências	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 HISTÓRICO DO CENTRO ESPÍRITA DISCÍPULOS DE JESUS	16
3 O PAPEL DO CENTRO ESPÍRITA NO CONTEXTO DA COMUNIDADE LOCAL: REFLEXÕES	35
3.1 Hospital Nossa Lar	35
3.2 Casa da Criança	45
3.3 Grupo Padre Germano	46
3.4 Casa de Amália	49
3.4.1 O trabalho realizado embaixo das árvores no bairro Nova Lima (1980-1990)	49
3.4.2 O trabalho sendo realizado a partir da construção da Casa de Amália	54
3.4.3 O artesanato do bordado na Casa de Amália	58
3.5 Atividades desempenhadas no Centro Espírita Discípulos de Jesus	59
4 MARCOS CONCEITUAIS DA PESQUISA	63
4.1 Espaço, lugar, território e territorialidade	63
4.2 Conceito da Comunidade na ótica do desenvolvimento local	67
4.3 Capital social	69
4.4 Desenvolvimento local	71
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS	74
5.1 Dados referentes aos participantes	74
5.2 Perfil	77
5.3 Participação em atividades oferecidas pela casa	81
5.4 Participação em ações da casa como voluntários	82
5.5 Atividades da casa e influência socioeconômica	83
5.6 De que forma o indivíduo chegou até à Casa de Amália	84
5.7 Interação e cooperação do grupo	85
5.8 Os problemas mais frequentes na comunidade	86
5.9 Frequência em reunião fora da Casa de Amália para trocas de informação e experiências	88
5.10 Atuação da Casa de Amália na melhora da vida na comunidade	89
5.11 As atividades que a Casa de Amália poderia oferecer	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE	98

1 INTRODUÇÃO

O Centro Espírita Discípulos de Jesus (CEDJ) é uma instituição espírita, localizado no centro da cidade de Campo Grande, MS, fundado no ano de 1934 e que vem atendendo aos cidadãos campo-grandenses desde então. Desenvolve um trabalho valoroso com os seus departamentos internos e externos, ofertando aos seus frequentadores e trabalhadores oportunidades de renovação no bem, com seus trabalhos assistenciais, por meio da distribuição de alimentos, roupas, enxovais de bebês, oferecendo inúmeros projetos, artesanatos, cursos.

A escolha do tema se deve ao fato do CEDJ ser uma casa fortemente ligada ao meu laço familiar. Toda a minha infância está vinculada a esta instituição que sempre me proporcionou o alicerce para a minha vida e me ensinou os princípios cristãos. Jeronymo Gonçalves da Fonseca, meu pai, é a minha referência maior e pelo qual tenho a mais profunda admiração, foi um dos presidentes que conduziu fraternalmente esta casa por um longo tempo, sempre de maneira íntegra e sem desanimar pelos desafios impostos, pautando a sua conduta pelos ensinamentos do Mestre Jesus. Como presidente, permaneceu por vinte e oito anos à frente do Hospital Nossa Lar, fundado em 1966, considerado o maior departamento externo pertencente ao CEDJ.

O Hospital Nossa Lar é um hospital psiquiátrico que atende pessoas portadoras de doenças mentais e foi construído na administração de Maria Edwiges Borges com o propósito de servir à população de Mato Grosso do Sul, pois como o estado não possuía este atendimento, as pessoas que apresentavam estes distúrbios eram levadas à cadeia pública.

Além do Hospital Nossa Lar, o CEDJ possui outro departamento externo também presente no seu estatuto, denominada Casa de Amália, localizada na periferia de Campo Grande, no bairro Nova Lima, cuja a população estimada do bairro está em aproximadamente 36.000 habitantes, conforme censo de 2010 (POPULAÇÃO, 2018).

A Casa de Amália iniciou suas atividades assistenciais no ano de 1975, por um pequeno grupo de voluntários do CEDJ que se deslocava para essas comunidades muito carentes, procurando minimizar as misérias sociais e espirituais dos cidadãos pertencentes a esse Bairro. A evangelização infantil era a prioridade do trabalho e as tarefas eram realizadas embaixo das árvores dos terrenos das casas.

No ano de 1991, eu ingressei como voluntária neste grupo de assistência espírita e estou lá desde então. Percebendo a dificuldade do trabalho em não ter um espaço físico para trabalhar, solicitei ao meu pai Jeronymo, na época presidente do centro, a possibilidade de construir um lugar que abrigasse as pessoas que lá frequentavam. Com a autorização da diretoria do CEDJ, a ideia foi se consolidando e o projeto iniciado no ano de 2000.

Com uma área construída de 1169,37 m², o trabalho social da Casa de Amália passou a ser realizado dentro de uma estrutura física e tem agregado adultos e crianças em busca de valores, alterando a sua rotina de vida, proporcionando a todos um sentimento de bem-estar.

Com o passar do tempo, as atividades da casa aumentaram e por meio de alguns voluntários, a sala de costura e do bordado foi criada. As mulheres do Bairro que não possuem um trabalho remunerado e não se dedicam a nenhuma atividade que possa melhorar sua renda familiar, veem nesta atividade uma forma não só de melhorar a autoestima como também a possibilidade de socialização no contato com as demais pessoas, uma vez que se sentem desanimadas e sem trabalho no contexto em que vivem.

A conscientização da população do Bairro Nova Lima que reside próxima à Casa de Amália, é realizado por meio de trabalhos manuais que promovem recursos financeiros, além de proporcionar um convívio entre os cidadãos do bairro, melhorando seu bem-estar social.

Nesse contexto, este estudo objetivou analisar os agentes da comunidade de artesãos como instrumentos impulsionadores do desenvolvimento local. Como objetivos específicos, foram considerados os seguintes aspectos: levantamento do histórico da comunidade estudada; características e etapas de consolidação dos trabalhos de artesanato; compreensão dos conceitos pertinentes ao desenvolvimento local; identificação das potencialidades da comunidade de artesãos da comunidade local.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: construir um caminho teórico-metodológico perpassando por abordagem qualitativa e quantitativa. Com relação à pesquisa bibliográfica, foram utilizados livros, artigos, textos jornalísticos e imagéticos. Diante dessa proposta, apontam-se algumas etapas que se conectaram no decorrer da pesquisa, de acordo com os desdobramentos teóricos e metodológicos, bem como no que diz respeito ao entendimento do tema estudado: observação *in loco* e levantamento de dados via questionário aplicado aos frequentadores da Casa de Amália; levantamento fotográfico desenvolvido ao longo da pesquisa; aplicação, tabulação, análise e interpretação dos dados coletados. Justifica-se, portanto, a necessidade de aprofundar o assunto mediante a sua relevância, pois a essência do trabalho vai ao encontro das propostas conceituais do desenvolvimento local.

O presente trabalho de pesquisa está organizado em capítulos: após a introdução no capítulo 1, conta-se a história do CEDJ, a partir da fundação, a história dos presidentes que passaram, da atual administração e a sua importância para o centro, relatados no capítulo 2, o capítulo 3 refere-se ao papel do centro espírita no contexto da comunidade local: reflexões, destacando as casas externas pertencentes ao CEDJ, apresentando a historicidade de cada uma com ênfase para a Casa de Amália, objeto desta pesquisa, o capítulo 4 trata dos marcos conceituais da pesquisa, destacando os principais conceitos relacionados ao tema, o capítulo 5 apresenta a análise e interpretação dos dados realizados na Casa de Amália, o que é feito por meio de gráficos e suas respectivas análises, seguindo-se as considerações finais, as referências e o apêndice.

2 HISTÓRICO DO CENTRO ESPÍRITA DISCÍPULOS DE JESUS

A história de Campo Grande foi marcada pela construção da ferrovia Noroeste do Brasil que trouxe para a cidade um grande progresso, pelo fato de imigrantes atraídos pelo desenvolvimento do lugar aportarem e implantarem seus negócios na Cidade Morena, segundo dados do IPHAN (1994), a ferrovia foi inaugurada em 12 de outubro de 1914, além de ser uma oportunidade de investimentos, serviu também de integração entre as cidades por onde os trilhos passavam (REZENDE; CASTILHO, 2018).

Além dos aspectos político-econômicos a construção da ferrovia trouxe outros significados e mudanças sociais que impingiram à cidade, modificando até a sua estrutura física, dividindo-a em dois espaços, um lado dos trilhos foi ocupado pelos comerciantes e fazendeiros, os chamados ricos e o outro, os chamados pobres, ocupados pelos imigrantes vindos de vários países, como, italiano, espanhóis, portugueses, japoneses (GRECO, 2011). Campo Grande foi então formada por uma população heterogênea, proveniente de alguns outros estados brasileiros e também por estrangeiros de origem europeia e asiática (BRUNET, 2014).

Neste cenário, em 1934, Constantino Lopez Rodrigues (Figura 1) funda o CEDJ, juntamente com pessoas que formavam grupos espíritas, tais como médiuns e simpatizantes da causa espírita com o objetivo de realizar a leitura e explanação do Evangelho segundo o Espiritismo, aplicavam passes e davam orientações para o evangelho no lar. A ata da fundação (Figura 2) foi lavrada, sendo aclamado presidente e vice-presidente: Ítalo Pavarini e Francisco Quirino Diniz. Na época, a cidade de Campo Grande contava com trinta e cinco anos e uma população de aproximadamente 50 mil habitantes (BRUNET, 2014).

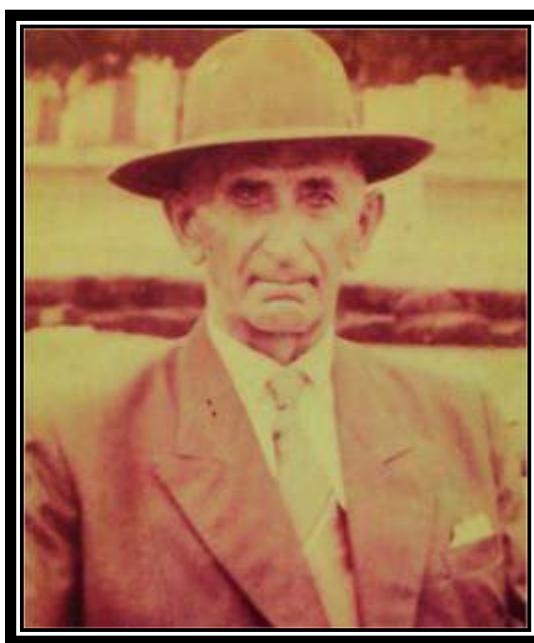
Constantino Lopez Rodrigues nasceu na Espanha em 1879 e veio ao Brasil a pedido de uma amiga espanhola Amália Domingo Soler, muito respeitada pelos espíritas da época e que o incentivou a iniciar uma missão em terras brasileiras. Em 1900, chegava ao porto do Rio de Janeiro, logo depois indo para São Paulo e em seguida se deslocava para o interior, instalando residência em Ribeirão Preto/SP, onde trabalhou em uma olaria. (ONEWORK, 2018).

Após a morte de seu filho primogênito, vendeu o que tinha e veio para Campo Grande em 1920. Foi morar em uma chácara onde residiu por 10 anos, também trabalhava em uma olaria, gostava muito de ler e era assinante da revista espírita “O Reformador”. Após 10

anos comprou uma casa na cidade, a mudança trouxe-lhe uma nova vida voltada para ações sociais para a cidade de Campo Grande e vizinhanças (ONEWORK, 2018).

Mudou-se então para a rua Maracaju, em frente ao córrego Maracaju. Ali perto morava o casal Guiomar Camargo César e Telêmaco César Barão. Guiomar se interessava pelo espiritismo e juntamente com Constantino e algumas pessoas formaram um grupo espírita. Nestas reuniões, as pessoas se uniam para as leituras das obras básicas de Allan Kardec, despertando o seu conhecimento para o espiritismo, proporcionando perspectivas de esclarecimentos e consolando as suas dores sobre algo que para elas eram inexplicáveis, assim como a faculdade medianímica. A doutrina espírita surgia em Campo Grande com toda a sua seriedade e em benefício de todos, pois os seus ensinamentos sempre foram pautados nos ensinamentos do Mestre Jesus. Após três anos em que o grupo vinha se reunindo nesse endereço, crescia em Constantino a vontade de fundar um centro espírita que pudesse abrigar um maior número de frequentadores (BRUNET, 2014).

Figura 1: Constantino Lopez Rodrigues
em 1934

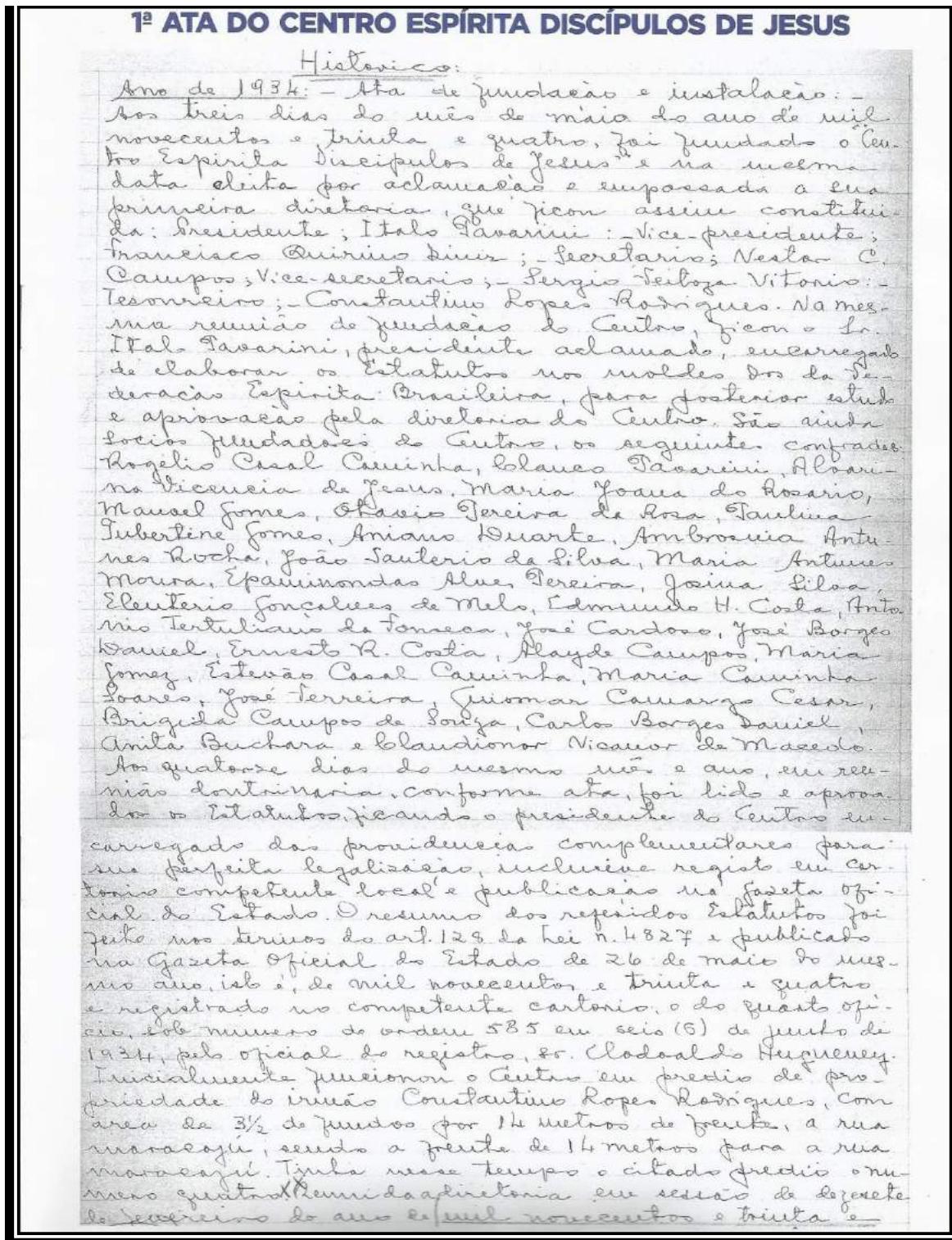


Fonte: <https://www.campograndenews/2018>

A mobilização para a formação do CEDJ já havia sido iniciada há algum tempo, visto que os espíritas da época já se reuniam em grupos nas suas próprias residências (BRUNET, 2014). É importante ressaltar que o preconceito ao espiritismo era um fator

importante a ser vencido por Constantino, este encontrava em seu próprio núcleo familiar o maior desafio a conquistar.

Figura 2: Primeira ata do Centro Espírita Discípulos de Jesus em 1934



Fonte: www.CEDJ.ORG.BR (2014)

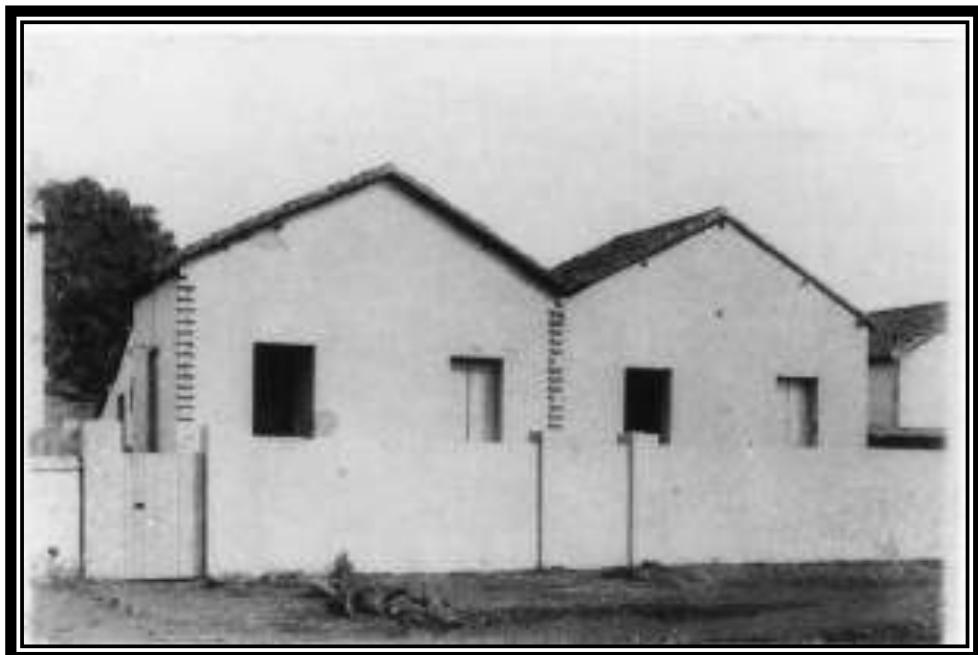
Neste contexto, surgiu o CEDJ, fruto do trabalho de pessoas que já exerciam os mesmos ideais espíritas, procurando trazer consolo e esclarecimento às pessoas que o

buscavam. Após 14 anos de sua chegada à Campo Grande, com um grupo de pessoas de ideais afins, Constantino instituía o primeiro Centro Espírita de Campo Grande, fundado em três de maio de 1934 na rua Maracaju (Figura 3), a partir daí Campo Grande passaria a liderar o Movimento Espírita do Estado de Mato Grosso (BRUNET, 2014).

Em todo o tempo que permaneceu na terra, Constantino sempre se colocou como um simples zelador da casa, dedicando-se de forma intensa, cuidando das finanças, mas em nenhuma época foi presidente da instituição. Sempre pautou a sua conduta nos ensinamentos de Jesus, de maneira simples, zelou pelos conceitos doutrinários do espiritismo. No ano seguinte à fundação, o presidente da casa, Ítalo Pavarini, proferiu um discurso, informando das intensas atividades e do atendimento ao público.

O local era de propriedade particular de Constantino e havia por parte dele uma preocupação pelos destinos do centro. No ano de 1951, registrou em cartório a doação de seu patrimônio e utensílios de uso pessoal para o CEDJ com uma declaração médica atestando o seu perfeito estado de suas faculdades mentais.

Figura 3: Centro Espírita Discípulos de Jesus em 1934



Fonte: Disponível em: <http://cedj.org.br/historia/> 2018

Com 16 anos após a sua fundação, o centro espírita passou por uma reforma, foi construído então o primeiro bloco, ampliando seu espaço físico (Figura 4).

Figura 4: A movimentação na rua Maracaju. Na lateral da foto, a seta está indicando o Centro Espírita em 1954



Fonte: Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/2018>

Conforme Brunet (2014), com as atividades e os trabalhos da casa aumentando, a responsabilidade pelo destino do centro também era uma preocupação para Constantino, então em 1942, chegou à Campo Grande aquela que iria ajudá-lo na continuidade dos trabalhos, Maria Edwiges de Albuquerque Borges (Figura 5), uma jovem senhora nascida no Rio de Janeiro. Era filha do médico José de Albuquerque e Claudia Alves, tinha também um irmão mais velho, Ouchy de Albuquerque (Figura 6) e que lhe aconselhava a ter muita fé nos desígnios de Deus. Estudou em colégio interno, Colégio da Companhia Santa Tereza na cidade do Rio de Janeiro.

Após a morte de seu pai, vítima de uma tuberculose que contraiu depois de uma gripe, em consequência do naufrágio de uma balsa no Rio Paraná e ao tentar salvar as pessoas que estavam na embarcação, Maria Edwiges mudou-se para Corumbá com sua família. Lá estudou no colégio interno Imaculada Conceição. Foram quatro anos naquele colégio e era muito questionadora sobre os assuntos religiosos. As férias da escola eram passadas na fazenda da família em Porto Murtinho e neste período gostava de conversar com seu irmão sobre a doutrina espírita.

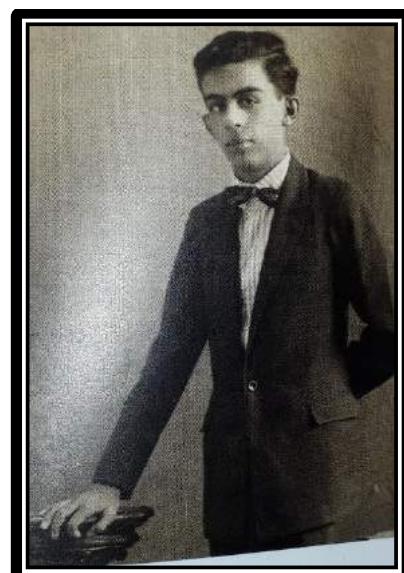
Certa manhã encontrou um livro e o título lhe chamou a atenção “Depois da Morte”, o autor era Leon Denis, as respostas para os seus anseios estavam naquele livro, uma esperança surgiu em sua alma e foi a partir deste livro o seu primeiro contato com o espiritismo. Em Porto Murtinho, conheceu o tenente Gumercindo Bruno Borges (Figura 7), com quem se casou e foi morar em Corumbá e no ano de 1935 mudou-se para Campo Grande.

Figura 5: Maria Edwiges de A. Borges em 1942



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

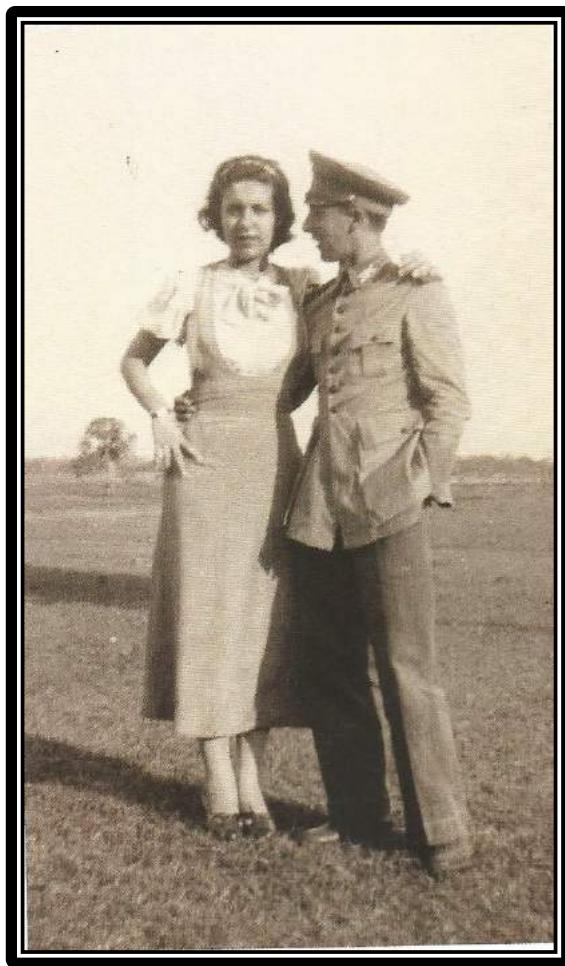
Figura 6: Ouchy de Albuquerque, em 1932



Fonte: Eliane Brunet (2018)

Major Gumercindo, como era conhecido não aceitou muito bem o espiritismo e ela evitou de tocar no assunto para não o constranger. Edwiges não teve filhos pelo motivo de ter sofrido uma forte queda e foi necessário passar por uma cirurgia, retirando as trompas. No ano de 1940, seu esposo foi transferido para Porto Murtinho e lá Maria Edwiges conheceu Leoncinha Analdamai, uma pessoa que a ajudou e retirou suas dúvidas sobre sua faculdade mediúnica, aprendeu sobre a doutrina espírita, estudou as obras de Allan Kardec, considerado o codificador da doutrina espírita.

Figura 7: Maria Edwiges e Gumercindo
em 1935



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

O casal voltou para Campo Grande no ano de 1942, quando então Maria Edwiges conheceu o fundador do CEDJ, Constantino Lopez Rodrigues por meio de uma visita ao centro em busca de um livro com o título “Memórias do Padre Germano”. Com o passar do tempo e devido a problemas de saúde, Gumercindo aos poucos foi aceitando o espiritismo.

Após um ano e meio de sua chegada ao centro, ela implantou assistência às pessoas necessitadas. Eram realizadas festas externas para arrecadação de recursos, como comemoração do dia das mães, aniversário do centro, festa de natal, entre outros. Um novo tempo para o espiritismo estava surgindo, o movimento em Campo Grande começou a despontar e apareceu na cidade novas casas espíritas. Havia também uma grande preocupação com as crianças e foi implantada a evangelização infantil assim como uma Escola de Alfabetização para Menores que atendia crianças em situação de risco social e que não tinham condições de cursar uma escola tradicional. Após as suas constantes visitas fraternas à cadeia pública de Campo Grande Mato Grosso e condoída com a situação de duas moças, idealizou a construção do Sanatório Mato Grosso (Figura 8). Organizou vários eventos artísticos e culturais em Campo Grande a fim de angariar recursos para a construção da obra. Foram realizadas várias campanhas de arrecadação financeira para a realização da construção e em 1966, o hospital estava concluído

Figura 8: Sanatório Mato Grosso em construção em 1965



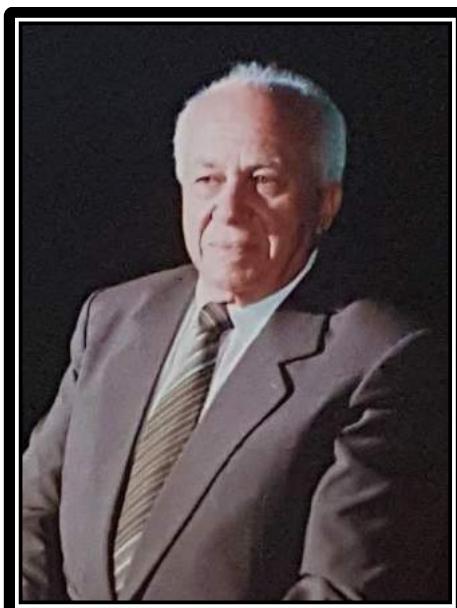
Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

Permaneceu na presidência do CEDJ a partir de 1953 e foi até 1979. Neste período, também assumiu uma creche na rua Dom Aquino, Casa da Criança e a Escola Zamenhof, além de ter se responsabilizado pessoalmente pela SIRPHA (Sociedade de Integração e Reabilitação da Pessoa Humana) e em 2009, passou a ser chamada de SIRPHA Lar do Idoso, local este que não pertencia ao Discípulos de Jesus.

Com a criação do estado de Mato Grosso do Sul em 1979, Maria Edwiges Borges fundou a Federação Espírita de Mato Grosso do Sul (FEMS) e solicitou a Jeronymo Gonçalves da Fonseca (Figura 9), vice-presidente do CEDJ que assumisse a presidência do CEDJ. Organizou e administrou a Federação Espírita por 18 anos delineada de acordo com os preceitos da Federação Espírita Brasileira. Faleceu no ano de 2000, deixando um legado de respeito e amor ao próximo, além de ser considerada um expoente da doutrina espírita em Mato Grosso do Sul. Administrou o CEDJ com muita coragem, venceu desafios, enfrentou preconceitos e acreditou em tudo que empreendeu, doou-se pela causa espírita e em favor do próximo, deixando um exemplo de vida para a humanidade.

O então presidente do CEDJ, desde 1979, Jeronymo Gonçalves da Fonseca (Figura 9) nasceu em Campo Grande no ano de 1928, a sua infância passou às margens do rio Ceroula e aos 12 anos foi estudar na escola Oswaldo Cruz. Com a perda do pai, Modesto Gonçalves da Fonseca, teve que trabalhar muito cedo para sustentar a família, trabalhou no comércio da estação Ferroviária de Campo Grande e aos 16 anos foi admitido em uma concessionária da Ford, na qual sentia muito orgulho em dizer que permaneceu por 21 anos neste local. Em seguida, abriu uma loja de peças para automóveis até seu irmão Nicomedes Gonçalves da Fonseca formar-se em engenharia civil na cidade de Curitiba. Ao lado do irmão, montaram um escritório que prestava serviços de construção de imóveis.

Figura 9: Jeronymo G. da Fonseca
em 1991



Fonte: autor desconhecido (1991)

Casou-se com Maria Otilia Guerreiro da Fonseca em 1957 (Figura 10) e tiveram quatro filhos: Rosane Mara Gonçalves da Fonseca, Enier Guerreiro da Fonseca, Zilei Guerreiro da Fonseca e esta pesquisadora. Ocupou o cargo de secretário e foi presidente da mocidade espírita do CEDJ até o ano de 1959. Jeronymo formou-se em Ciências Contábeis em 1953, mas também cursou Pedagogia e fez parte da primeira turma na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (Figura 11) no ano de 1962, obtendo o diploma em 1965.

Figura 10: Jeronymo e Maria Otilia
em 1957



Fonte: autor desconhecido (1991)

Figura 11: Formatura da primeira turma de Pedagogia na Faculdade Dom Aquino
em 1965, na lateral da foto a seta indica Jeronymo G. da Fonseca



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

Aos 22 anos, começou a frequentar o CEDJ, colaborou com a Hora Espírita Radiofônica, pois seu timbre de voz era perfeito para o rádio. No centro espírita, ainda jovem fazia muitas palestras de cunho doutrinário e sempre auxiliou nos trabalhos da casa. Com a criação da Federação Espírita de Mato Grosso do Sul em 1979, a pedido de Maria Edwiges tornou-se presidente da instituição. Durante a sua gestão, ampliou e reformou o espaço físico da casa, aumentou as atividades de estudos doutrinários, sempre com o apoio da diretoria do centro. Também foi o responsável pela ampliação da Escola Zamenhof, bem como das estruturas físicas da Fraternidade Educacional Casa da Criança, creche escola, ambas na rua Dom Aquino.

Ao assumir o cargo de vice-diretor do Sanatório Mato Grosso em 1979, implementou as estruturas de apoio do hospital e concluiu a ala denominada Recanto da Paz. Em 1997, com a saúde debilitada de Maria Edwiges tornou-se o presidente do hospital, o qual passou a ser chamado de Hospital Nossa Lar, departamento externo pertencente ao CEDJ. As dificuldades financeiras enfrentadas pelo hospital o levaram a buscar muitos recursos, inclusive estava sempre solicitando aos órgãos públicos verbas para que o hospital não fechasse. Também foi presidente da Federação Espírita de Mato Grosso do Sul, a partir de 1990 até o ano de 1997.

No centro espírita, atendia a todos que a ele recorriam em busca de consolo espiritual, de forma humilde e fraterna. Foi um grande estudioso da doutrina espírita e incentivava o trabalho dos grupos que faziam assistência à periferia de Campo Grande, motivo este que o levou a construir no bairro Nova Lima, com permissão da diretoria, uma casa espírita denominada Casa de Amália (Figura 12).

Figura 12: Casa de Amália em 2019



Fonte: Mariel Martins (2019)

Também em sua gestão, por meio de um grupo de voluntários espíritas ajudou e incentivou a evangelização de crianças e adultos no Jardim Oliveira III e fundou o grupo “Padre Germano” (Figura 13).

Figura 13: Grupo Padre Germano em 2016



Fonte: Anna Cândida Ortega (2016)

Apesar do intenso trabalho no centro espírita, Jeronymo jamais deixou de atender à família. Sua esposa e filhos sentem um imenso orgulho do pai que tiveram, as suas orientações e comportamentos pautados pela sua conduta ilibada foram transmitidas a eles e nos dias atuais também servem a causa espírita, trabalhando no centro. Jeronymo morreu em 14 de setembro de 2007, sendo que no mesmo dia foi ao hospital Nossa Lar trabalhar, mas no final da manhã, seu corpo físico sofreu uma parada cardiorrespiratória e veio a falecer.

Foi um grande servidor do espiritismo, os amigos e os que tiveram o privilégio de o conhecer e trabalhar, recordam-se da pessoa de grande caráter, determinação e perseverança no bem. No CEDJ, quando alguém quer se referir a um bom exemplo de pessoa espírita, lembram-se de Jeronymo Gonçalves da Fonseca (BRUNET, 2014).

De acordo com o estatuto do centro, a cada 3 anos é eleito um novo presidente e uma nova diretoria. Com a morte de Jeronymo, assumiu a vice-presidente do CEDJ, Angela Mara Barsante Santos Moreno (Figura 14). Angela nasceu em Araxá, Minas Gerais, formou-se no curso de odontologia, casou-se com José Carlos Sampaio Moreno e tiveram quatro filhos.

Desde o ano de 1900, a família de Angela atende a causa espírita, seu bisavô trabalhou muitos anos pelo espiritismo em Sacramento, MG, ao lado de um grande exemplo da doutrina espírita que foi Eurípedes Barsanulfo. No ano de 1927, seus avós fundaram o Centro Espírita Caminheiros do Bem, na cidade de Araxá, também eram muito amigos de

Francisco Cândido Xavier e realizaram muitas ações sociais. Angela desde criança acompanhava sua mãe na periferia da cidade para divulgação da doutrina espírita, promoviam o “Evangelho no Lar”.

Após o casamento, devido a transferência de serviço do marido que é engenheiro civil, mudou-se para Miranda, MS e depois em 1987 para Campo Grande. Ao chegar, procurou um centro espírita para trabalhar e a pedido de Maria Tereza do Amaral criou o “Grupo de Pais Emmanuel”. Em 1989, ao lado de alguns voluntários fundou o “Grupo Espírita Padre Germano”. Sempre com o apoio da direção do centro foi ampliando o seu trabalho espírita.

Figura 14: Angela M.B. S. Moreno
em 2015



Fonte: Anna Cândida Ortega (2015)

Em 2003, foi convidada por Jeronymo, presidente na época a assumir o cargo de 1^a vice-presidente do CEDJ e permaneceu até o ano de 2007, quando ele veio a falecer. Nesta ocasião, em um de seus depoimentos, aconteceu uma mudança repentina em sua vida, pois

agora assumia a presidência da instituição e era muita responsabilidade exercer a direção de uma casa com tantos departamentos internos e externos. Permaneceu no cargo por duas gestões, encerrando a sua administração em 2015.

No período que permaneceu na direção do CEDJ, Angela realizou muitos trabalhos doutrinários, incentivou a evangelização infantil, apoiou a sala de costura Amália Domingo Soler que doa enxovals às mães carentes, o artesanato da Colmeia Dourada, o Coral Pequenos Cantores, equipou a Livraria Humberto de Campos, promoveu a feira da Pechincha e atendeu os departamentos externos, tais como o Hospital Nossa Lar. No período em que esteve na presidência também incentivou Eliane Brunet a escrever o livro “O Discípulos de Jesus Pioneirismo no Espiritismo em Campo Grande”.

Durante a sua gestão, no Hospital Nossa Lar fez um treinamento de humanização entre pacientes e famílias, intercâmbio cultural, assim como Jornadas de Saúde Mental. A estrutura física também foi reformada, ampliou diversas alas e setores, construiu um novo almoxarifado, a ala onde estão os pacientes do Sistema Único de Saúde(SUS) também foi reformulada, assim como o a ala do “Recanto de Paz”, construiu o Espaço “Jeronymo Gonçalves da Fonseca” (Figura 15), o espaço do ateliê “Ovidores de Cores” (Figura 16) e o “Centro de Recuperação Psicossocial Maria Edwiges de Albuquerque Borges”. É importante citar que muitos desses recursos provém de verbas federais, do poder judiciário, emendas parlamentares e também eram provenientes das penas alternativas.

Figura 15: Espaço Jeronymo G. da Fonseca em 2019



Fonte: Mariel Martins (2019)

Angela Moreno, enquanto esteve na presidência do CEDJ citou no breve resumo de sua vida em 2019: “Elegemos como meta essencial a ética do amor com Jesus, a prevenção e a conquista da saúde como passo a seguir no projeto transformador do homem, ante a nova era”. Permaneceu no cargo durante 8 anos, demonstrando sempre o respeito pelos antecessores e pioneiros do espiritismo em Campo Grande, MS.

A partir de 2015, após nova eleição da diretoria, Enier Guerreiro da Fonseca (Figura 17) foi eleito presidente do CEDJ e encerrou o seu mandato em 2018, porém depois de outra eleição foi reeleito e permanecerá até o ano de 2021. Nascido em família espírita, desde criança frequentou o centro. Na gestão de Angela Mara Barsante Santos Moreno foi vice-presidente, é casado com Kathleen Koester da Fonseca e tem dois filhos.

Figura 16: Espaço do Ateliê Ovidores de Cores em 2019



Fonte: Mariel Martins (2019)

Figura 17: Enier Guerreiro da Fonseca em 2019



Fonte: Mariel Martins (2019)

Todos os departamentos do CEDJ são importantes, porém o Hospital Nossa Lar é um departamento externo que requer uma atenção maior, devido a sua grande estrutura física e por ser uma atividade voltada para saúde, as exigências são muitas. Segundo Enier, no início do mandato em 2015, a situação financeira do hospital era caótica, correndo o risco de insolvência, porém por meio da redução de alguns custos, ajuda financeira de bancos, os convênios firmados com os órgãos públicos, a situação foi sendo contornada. Também uma forma de amenizar o problema foi a contratação de um consultor financeiro que auxiliasse a gestão.

Outro problema enfrentado foi a retirada da Casa da Criança do estatuto do CEDJ, como o centro é uma instituição filantrópica e por exigência legislativa dos setores que controlam os serviços filantrópicos no país, houve a necessidade de afastá-la do regulamento da casa. Desde o ano de 2107, a Escola Casa da Criança está atendendo como escola particular, porém ainda é pertencente ao CEDJ.

Nos dias atuais, o CEDJ é uma instituição que atende não somente pessoas em busca de consolo espiritual e material, mas oferece muitos estudos doutrinários que promovem o cidadão. As suas casas adjacentes, como a Casa de Amália e Padre Germano também seguem as mesmas diretrizes do centro, servindo a todos, dentro das linhas temáticas propostas no estatuto.

Segundo Lima e Castilho (2012), o passado pode ser encontrado na memória dos grupos humanos. A história do CEDJ está imersa nestas pessoas que construíram a partir dos seus ideais de perseverança no bem, de tal forma que a memória se perpetuasse em vista dos exemplos por eles deixado. Pierre Nora (1993, p.9) aponta que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos [...] A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna prosaica.

Acontecimentos do passado podem ser valorizados a partir de suas memórias relatadas no presente, segundo Nora (1993), existe uma diferença entre memória e história, a memória está relacionada a um acontecimento sempre atual, a história por outro lado está representada no passado.

Retomando as ponderações de Nora, Lima e Castilho relacionados ao contexto histórico do CEDJ, a memória está alicerçada no afeto da casa com os pioneiros do espiritismo em Campo Grande. O legado de Constantino, Maria Edwiges e Jeronymo representou para todos os frequentadores o exemplo de conduta, de disciplina, de perseverança nos ensinamentos do evangelho de Jesus. As marcas de suas trajetórias estão presentes no centro espírita e em suas casas adjacentes, tanto no espaço físico, na organização, nos procedimentos de acordo com a doutrina espírita. A história de suas vidas é relatada pelas crianças e jovens, por meio de projetos de evangelização, demonstrando a importância deles para a casa. A história vem sendo contada ao longo de tantos anos, mas a memória é representada pelo sentimento a estas nobres criaturas.

O centro procura preservar a arquitetura da época (Figura 18), apesar de ter feito uma pequena mudança na fachada frontal, porém ainda mantém os mesmos traços arquitetônicos do passado, como as janelas grandes (Figura 19) e a porta de entrada de madeira. O terreno possuía cinco edificações, embora somente uma delas era ocupada pelo CEDJ. Ao longo do tempo, depois de algumas reformas, algumas mudanças foram necessárias e com o aumento do acesso de pessoas, novas construções foram surgindo. O mais antigo salão abriga hoje 220 cadeiras (Figura 20), mas permanece com as mesmas características do passado e ainda é muito usado para palestras, atendimento à população, apresentações artísticas de crianças, jovens e adultos. No seu interior conserva o mobiliário antigo, como a chapeleira muito utilizada na época da sua fundação (Figura 21).

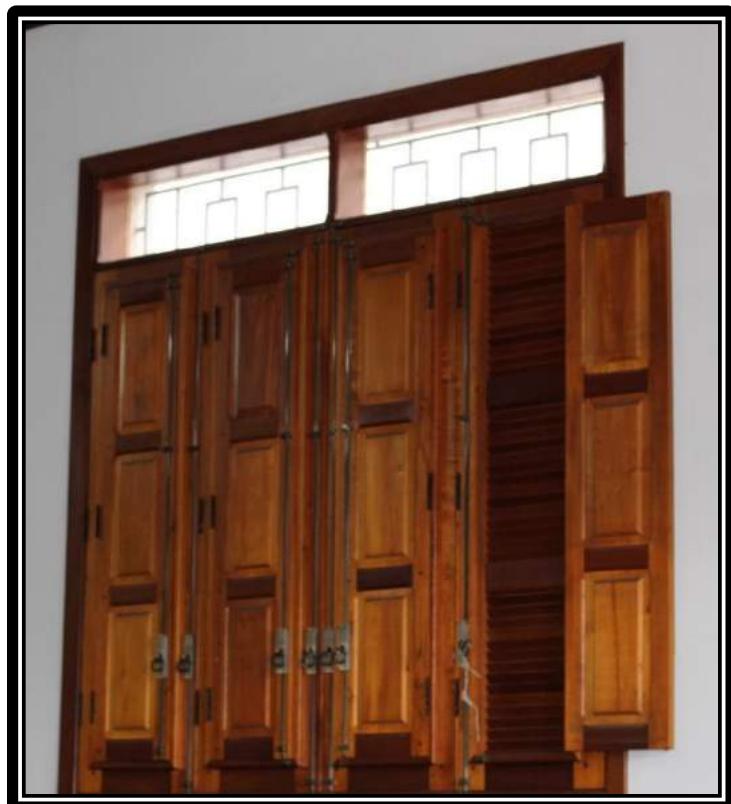
Figura 18: Centro Espírita Discípulos de Jesus em 2019



Fonte: Paulo Martins (2019)

A preservação do patrimônio em sua estrutura física é muito importante para a cidade de Campo Grande. Acima da porta de entrada principal tem a representação do ano de fundação do CEDJ, 1934.

Figura 19: Detalhe da janela do CEDJ em 2019



Fonte: Paulo Martins (2019)

O cuidado em manter as características originais da época demonstra que a história de Campo Grande também está representada nesta casa. De acordo com Rezende e Castilho, apesar de não ter sido tombado, é considerado um patrimônio histórico e cultural da cidade. O local foi e continua sendo um ponto de referência na cidade e tem acompanhado ao longo de todo esse tempo o desenvolvimento de Campo Grande.

Figura 20: Salão do Centro Espírita Discípulos de Jesus em 2019



Fonte: Paulo Martins (2019)

Figura 21: Chapeleira do CEDJ em 2019



Fonte: Paulo Martins (2019)

Assim, pode-se afirmar que o CEDJ é um ponto de referência ao espiritismo do estado de Mato Grosso do Sul, esclarecendo à luz da doutrina espírita os ensinamentos do codificador do espiritismo, Allan Kardec.

3 O PAPEL DO CENTRO ESPÍRITA NO CONTEXTO DA COMUNIDADE LOCAL: REFLEXÕES

O primeiro centro espírita em Campo Grande, o Discípulos de Jesus, desde a sua fundação tem atuado no atendimento às pessoas que o buscam. No estatuto do centro está inserido o departamento de assistência e promoção social (DAPS) que desenvolve alguns projetos sociais externos, tais como: Hospital Nossa Lar, Casa da Criança, Grupo Padre Germano, Casa de Amália e a Sala de Costura Amália Domingo Soler, além de outras atividades.

3.1 Hospital Nossa Lar¹

Em 1939, o CEDJ almejava construir um hospital para doentes mentais. No ano de 1941, o prefeito da época Vespasiano Martins fez a doação de um terreno de 10 hectares para construção da obra, a partir desta doação uma campanha para arrecadação de donativos começou a ser largamente divulgada em jornais locais e em outros meios de comunicação da época. Entretanto, a arrecadação de fundos não surtiu os efeitos desejados, pois nem tudo ocorreu como o programado, o terreno foi devolvido e o grupo responsável pela arrecadação foi desfeito (BRUNET, 2014).

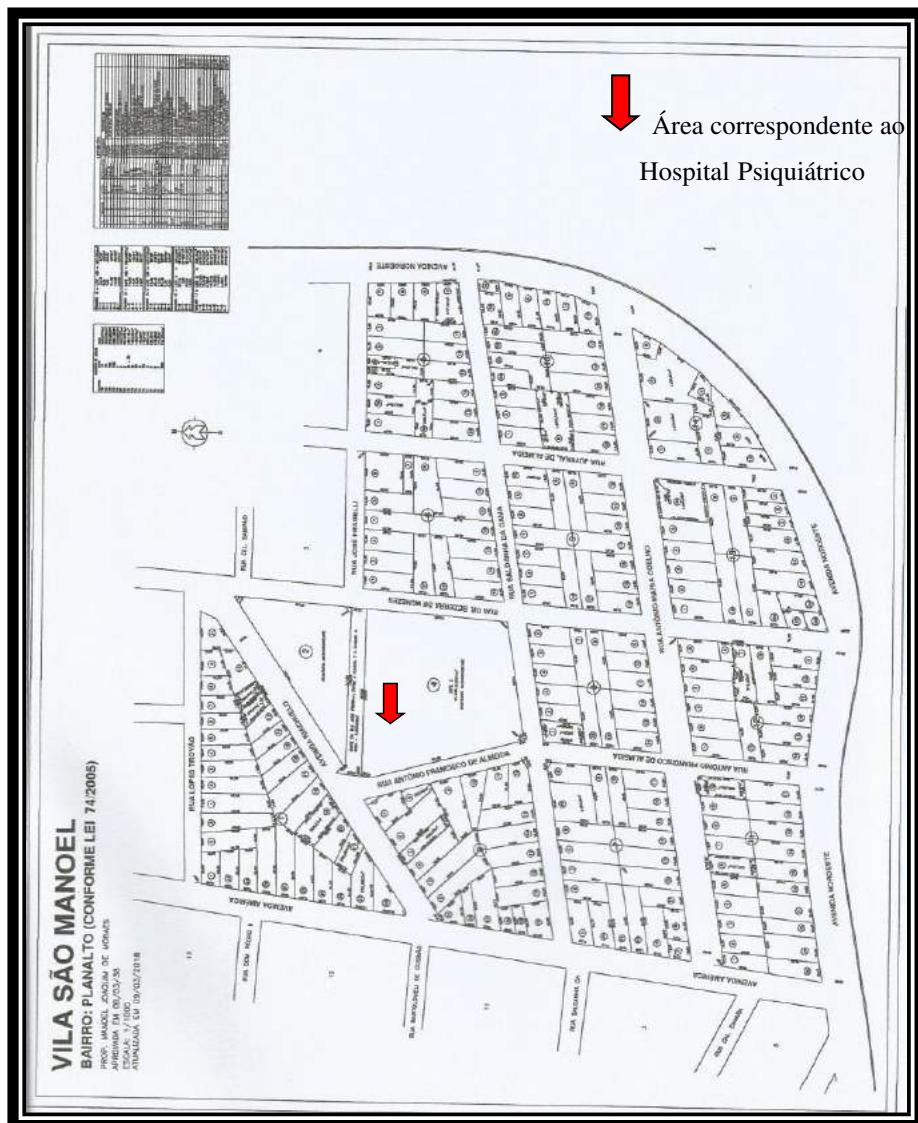
Em 1946, valendo-se dos dispositivos do estatuto do CEDJ, proposto por Maria Edwiges Borges, a ideia de construir um sanatório para doentes mentais novamente foi lançada. O motivo da real construção do hospital foi a partir da constatação de Maria Edwiges em uma de suas visitas à cadeia pública, quando observou a presença de duas moças que estavam instaladas no local, pois a sua residência foi saqueada e seu pai brutalmente morto, deixando as jovens transtornadas e como não havia um local para que elas se instalassem foram então levadas à cadeia pública. Algum tempo depois em suas visitas, Maria Edwiges constatou que as moças estavam grávidas e tomada de compaixão solicitou à diretoria do centro espírita a construção de um Hospital Psiquiátrico.

¹ Os dados referentes ao Sanatório foram retirados da obra “O Discípulos de Jesus - Pioneirismo no Espiritismo em Campo Grande”

Em 1949, o presidente do CEDJ, Gumercindo Bruno Borges solicitou a licença para a construção, por meio de um requerimento ao diretor de Serviço Nacional de Doenças Mentais, com sede na Cidade do Rio de Janeiro, justificando que no estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, a cidade de Campo Grande necessitava de um sanatório para o tratamento de doenças mentais .

O local escolhido para a construção ficava ao final da Vila São Manoel, início da Vila Planalto. A partir de algumas doações e também promoções realizadas, conseguiu-se adquirir uma área correspondente a uma quadra inteira para a instalação do referido sanatório (MAPA 1).

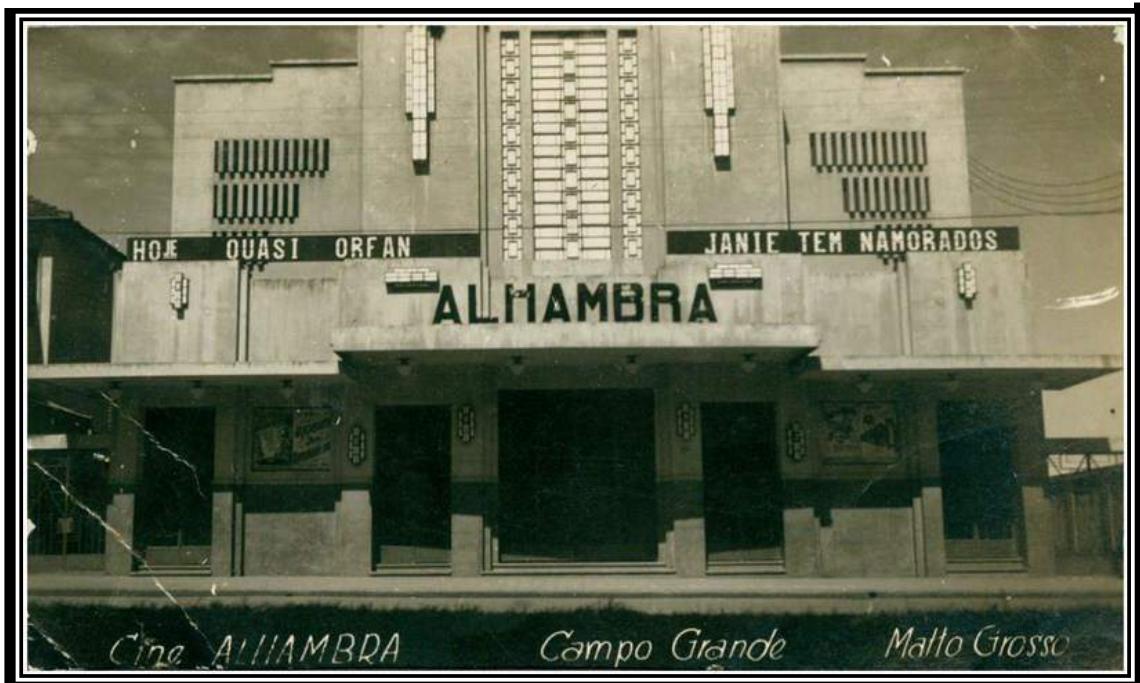
Mapa 1: Detalhamento da Vila São Manoel - Bairro Planalto, a seta está indicando a área correspondente ao Hospital Nossa Lar



Fonte: Semadur (2018). Adaptação Mariel Martins /2018

O custo para a construção de um hospital era alto, entretanto, a diretoria do CEDJ organizou na época vários eventos para arrecadação de fundos, proporcionando muitos momentos artísticos e culturais na cidade de Campo Grande. O primeiro espetáculo foi realizado no Cine Teatro Alhambra (Figura 22).

Figura 22: Cine Teatro Alhambra em 1940



Fonte: IBGE (2018)

De acordo com o requerimento enviado pelo Ministério da Educação e Saúde, a Secretaria Nacional para Doenças Mentais permitiu a construção do Hospital Psiquiátrico em 1950, em Campo Grande. A fim de se ter uma referência em acabamento da obra em hospital psiquiátrico, a diretoria do centro espírita, juntamente com o seu presidente acharam conveniente recorrer ao departamento técnico do hospital e colônia de Juqueri, localizada em Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo, uma das mais antigas colônias psiquiátricas do Brasil na época.

Era uma obra que demandava grandes recursos, mas movida pela caridade e iniciativa de pessoas diante de um segmento social praticamente esquecido e pouco encontrado no resto do país, como são os pacientes com doenças mentais, a construção foi finalmente iniciada em 1951 (Figuras 23 e 24).

O terreno foi cercado por postes de aroeira, delimitando a área que seria construída. Seguindo o projeto aprovado e utilizando os materiais adequados e especificados, a obra foi sendo erguida.

Figura 23: Canteiro de obras do Sanatório Mato Grosso em 1951



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

Figura 24: Canteiro de obras do Sanatório Mato Grosso em 1951



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

Em março de 1952, o sanatório teve o seu primeiro pavilhão com dimensões de 336 m², já constando em seu interior as alas das enfermarias, alguns banheiros e quartos para os enfermeiros. Ao final de 1952, o CEDJ havia arrecadado uma certa quantia para as obras do sanatório. Muito se deve ao esforço de Maria Edwiges de Albuquerque Borges (Figura 25), bem como o trabalho da diretoria e de todos os companheiros do centro para a realização da referida obra.

Figura 25: Maria Edwiges Borges
em 1951



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet

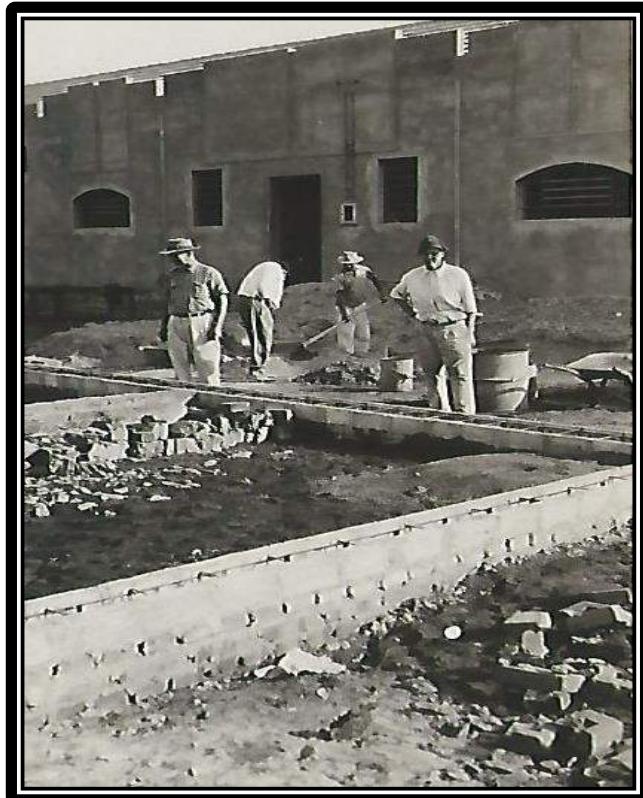
Já em 1953, as obras se encontravam bem adiantadas, com a cobertura completa e as redes de esgoto quase prontas, assim como, os revestimentos internos e externos das paredes do pavilhão central e lateral (Figuras 26, 27 e 28).

Figura 26: Ala do Pavilhão Central em 1953



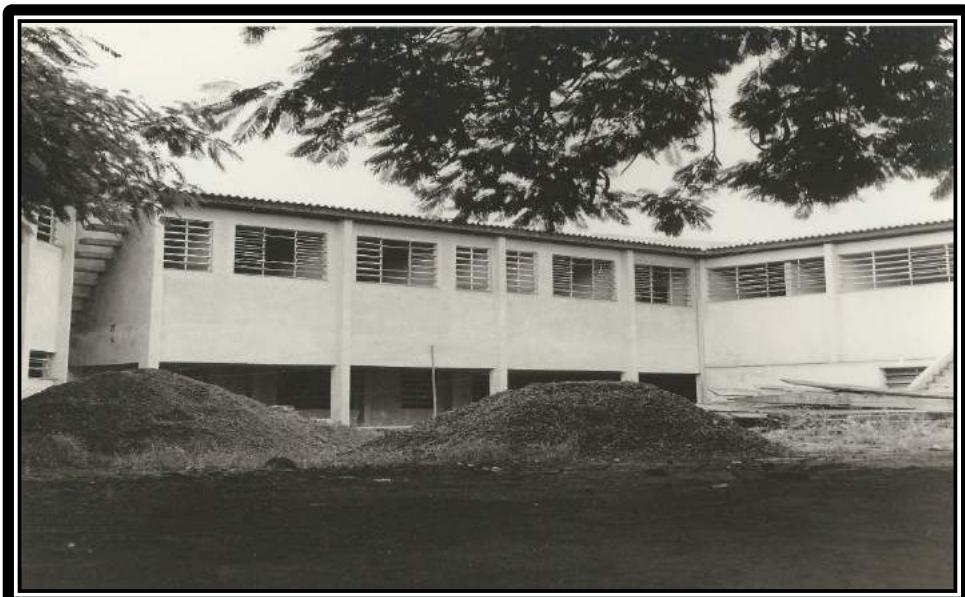
Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

Figura 27: Ala do Pavilhão Central em 1953



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet

Figura 28: Ala do Pavilhão Lateral em 1953



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet

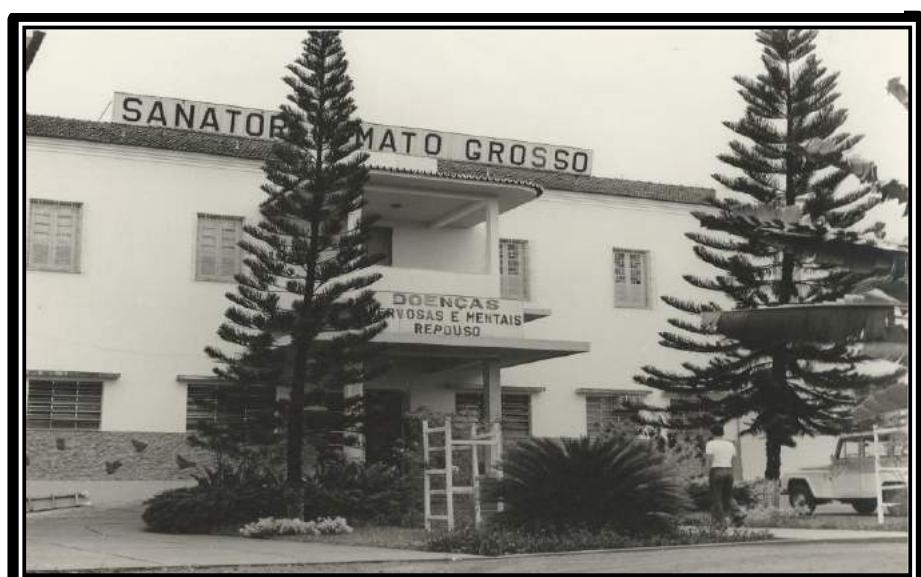
Em 27 de janeiro de 1966, o Sanatório Mato Grosso foi inaugurado em uma solenidade simples, Maria Edwiges e toda equipe do CEDJ agradeceram a oportunidade de estarem servindo aos seus semelhantes, realizando um ideal como o de prestar atendimento às pessoas em estado de perturbação mental (Figuras 29 e 30).

Figura 29: Fachada frontal do Sanatório Mato Grosso em 1966



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

Figura 30: Fachada frontal do Sanatório Mato Grosso em 1966



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

O Sanatório Mato Grosso era de propriedade do CEDJ, quando o hospital iniciou suas atividades contava com 20 leitos, mas com o passar dos anos passaria a ter 200. Os convênios começaram a chegar gradativamente, embora também tivesse uma ala para atendimento particular. O diretor clínico foi o médico Luiz Salvador de Miranda Sá Júnior, pernambucano, formado em Recife (Figura 31).

Figura 31: Jeronymo G. da Fonseca, Maria Edwiges Borges e Dr. Luis Salvador em 1966



Fonte: foto cedida por Eliane Brunet (2018)

O nome do hospital, antes Sanatório Mato Grosso foi alterado duas vezes: a primeira para Sociedade Beneficente Hospital Nossa Lar (1994) e a segunda recebeu o nome de Centro Espírita Discípulos de Jesus Hospital Nossa Lar (1995). Atualmente, o nome do local é Hospital Nossa Lar, sendo vinculado ao Departamento de Saúde do CEDJ.

O Hospital Nossa Lar continua atendendo pacientes com doenças mentais, dependentes químicos e pessoas carentes que necessitam de atendimento médico-hospitalar, mantendo em seu quadro de recursos humanos, profissionais qualificados. A missão segundo esta instituição é: “Valorizar as relações humanas, por meio da prestação de serviços de saúde, de forma dedicada, criteriosa e ética, superando as expectativas dos clientes, mantendo a solidez e a credibilidade do hospital junto à sociedade” (HOSPITAL NOSSO LAR, 2016).

Após algumas reformas em suas instalações, a fachada frontal do Hospital Nossa Lar foi modificada para melhor atender à população (Figura 32).

Figura 32: Atual fachada frontal do Hospital Nossa Lar em 2018



Fonte: Onework (2018)

O CEDJ é a entidade mantenedora dessa e segundo seu atual presidente, Enier Guerreiro da Fonseca, o hospital consiste hoje em Hospital que atende pelo SUS à pacientes referenciados por todos os municípios do estado; no Hospital Nossa Lar, os pacientes são atendidos por uma equipe multiprofissional composta principalmente de médicos, enfermeiros, assistente social, terapeuta ocupacional, psicólogo, nutricionista, dentista, dentre outros.

As terapeutas ocupacionais desenvolvem com os pacientes atividades de trabalhos manuais, tais como: pintura em telas (Figura 33), recortes de revistas; bordados; tricô entre outros e as assistentes sociais dão o suporte na parte de relacionamentos entre os pacientes e os familiares, entre os pacientes e os médicos contribuindo todos desta forma para o restabelecimento do paciente (HOSPITAL NOSSO LAR, 2016).

Em maio de 2015, o hospital inaugurou um novo espaço - Centro de Recuperação Psicossocial Maria Edwiges Borges, conhecido como Hospital Dia (Figura 34), por meio de recursos do Poder judiciário de Mato Grosso do Sul, local onde as pessoas passam o dia e ao final, seus familiares podem levá-los de volta para casa. A presidente do Hospital Nossa Lar na época, Angela Mara Barsante Santos Moreno explica: “O Hospital Dia vai dar mais

tranquilidade às famílias, que muitas vezes não conseguem dar integral atenção aos pacientes depois da alta” (A CRÍTICA, 2015).

A busca em proporcionar a satisfação de sua clientela, bem como a prestação de serviços de qualidade à sociedade de forma eficiente e eficaz, mantendo a solidez e a credibilidade do hospital são os objetivos do Hospital Nossa Lar (HOSPITAL NOSSO LAR, 2016).

Figura 33: Pintura em Telas em 2016



Fonte: Hospital Nossa Lar (2016)

Figura 34: Centro de Recuperação Maria Edwiges Borges (Hospital Dia) em 2019



Fonte: Mariel Martins (2019)

3.2 Casa da Criança

Em 1965, foi criada a Casa da Criança - Creche Escola, construída na rua Dom Aquino, 392 e tendo como primeiro presidente Sebastião Otácio. A creche apresentava muitos problemas financeiros quando o CEDJ assumiu. No início, a creche era mantida por meio de 28 sócios, porém a falta de recursos sempre esteve presente na realidade da Casa da Criança (BRUNET, 2014).

Em 1975, Maria Edwiges Borges foi eleita presidente da Casa da Criança e da Escola Zamenhof, foram tempos muitos difíceis, reparos foram feitos, a pintura foi renovada, máquinas e equipamentos instalados, berços foram esmaltados, mesas, bancos, cadeiras e o mobiliário todo preparado para o funcionamento da creche.

Devido a tantos problemas enfrentados pela Casa da Criança, em 2017, a diretoria do CEDJ juntamente com seus sócios decidiu transformar a unidade da Casa da Criança, antes uma escola pública em uma escola particular (Figuras 35 e 36). Atualmente, o centro espírita continua sendo o dirigente da Casa da Criança.

Figura 35: Fachada da Casa da Criança na rua Dom Aquino em 2017



Fonte: Campo Grande News (2017)

Figura 36:Casa da Criança em 2017



Fonte: Onework (2018)

3.3 Grupo Padre Germano

Em 1987, Angela Barsante Santos Moreno coordenava um grupo de pais no CEDJ, mas com passar do tempo o grupo começou a crescer e criou o Grupo Espírita Padre Germano (BRUNET, 2018).

Em 1989, o grupo iniciou suas atividades na periferia de Campo Grande, no bairro Jardim Oliveira III, com o objetivo de disseminar o conhecimento do evangelho de Jesus. Inicialmente as atividades eram realizadas sob as árvores e também em residência das pessoas que cediam as suas casas (MAPA 2).

As reuniões eram realizadas às sextas feiras, onde havia também larga distribuição de alimentos, calçados e roupas. O grupo cresceu e em 1994 passou a estabelecer-se em sede própria, construída pela ajuda de voluntários, na Avenida das Roseiras 814, bairro já citado anteriormente. A partir de sua criação passou a distribuir sopa, alimentos, enxovais para recém-nascidos, além de oferecer cursos de artesanato para comunidade.

Em 2013, houve a reforma do prédio para melhor atender a população e manter os trabalhos da casa. A instituição é coordenada por Anna Cândido Barsante Ortega e atende atualmente 50 crianças aos domingos na evangelização, com a distribuição de pão e leite,

durante 2 dias da semana servem sopas a 40 pessoas, entre adultos e crianças. Atualmente são 260 famílias cadastradas e mensalmente são doadas 30 cestas básicas somente para as famílias cadastradas (Figuras 37 e 38).

Mapa 2: Detalhamento do Jard. Oliveira III, a seta está indicando local do Pe. Germano



São cerca de 78 voluntários e emprega quatro funcionários que organizam o local e a feira da pechincha, a qual tem contribuído financeiramente para a manutenção da casa. Além de trazer projetos sociais, educativos e religiosos, é realizado em datas comemorativas uma festa para os moradores da região. Na ocasião do natal com o apoio do CEDJ, ocorre a arrecadação de brinquedos que são distribuídos às crianças do bairro.

Voluntários do grupo do Padre Germano continuam trabalhando e contribuindo com esta comunidade, procurando trazer projetos sociais, educativos e religiosos, despertando consciências para a solidariedade e a importância da família na sociedade (ONEWORK, 2018).

Figura 37: Voluntários do grupo do Padre Germano em 2017



Fonte: Onework (2018)

Figura 38: Crianças do Padre Germano em 2017



Fonte: Anna Cândida Ortega (2017)

3.4 Casa de Amália

Em 1975, o corredor do Bairro Nova Lima era uma região muito vulnerável e abrigava algumas pessoas ex-portadoras do bacilo de Hansen. Comovidas pela situação algumas pessoas do CEDJ, como Maria Tereza do Amaral, Laurinda Marcondes Ferraz e Elza Maldonado tomaram a iniciativa de atendê-las. O grupo levava bolos, pães e agasalhos, aproveitava para orientá-las a fazer curativos e aos poucos foi se envolvendo com as famílias que lá residiam (BRUNET, 2014).

Não havia um espaço físico para realizar as atividades, assim elas aconteciam embaixo do sol ou sob árvores, entretanto em ocasiões de chuva, grupo procurava abrigo na casa das pessoas que lá moravam. A mocidade do Centro Espírita Discípulo de Jesus da época também se juntou a esta causa social, por informações de Laurinda Marcondes Ferraz, souberam que essas pessoas moravam junto ao lixão e viviam da renda da venda do lixo; os jovens do centro espírita perceberam que havia um grande trabalho a ser realizado nesta periferia e se organizaram para iniciar um trabalho de evangelização com as crianças .Os recursos eram arrecadados por meio de bazares, pechinchas, vendas de sapatos usados e os valores eram revertidos para o mesmo fim juntando com as doações recebidas (IDEM).

No ano de 1986, José Edésio Firmino chegou para coordenar o grupo e trabalhou durante dois anos, sempre procurando de uma forma fraterna atender àquela comunidade, levando o pão e leite para as crianças, além da evangelização espírita infantil juntamente com outros trabalhadores.

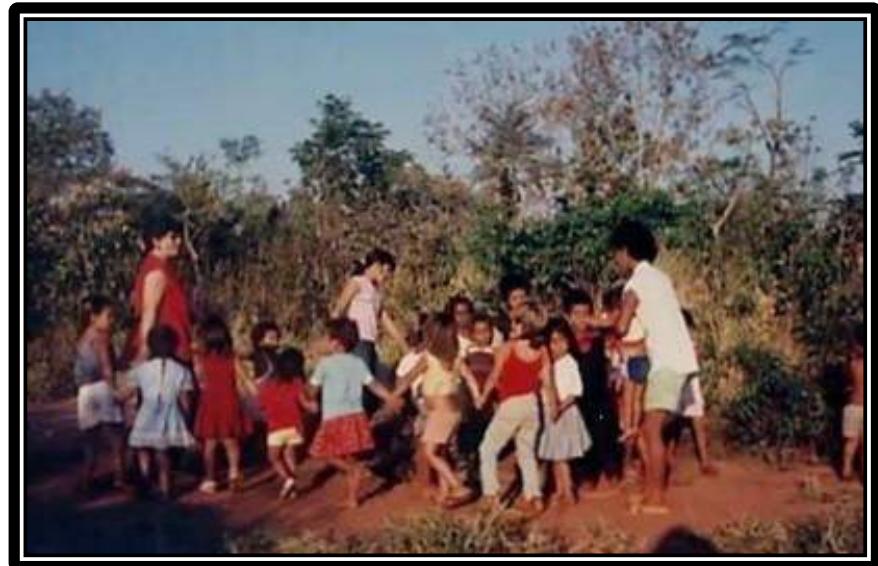
Após a sua morte no ano de 1988 quem assumiu a coordenação deste grupo foi Maurisbela de Sá Firmino, esposa de Edésio, o trabalho foi se consolidando e novos integrantes passaram a fazer parte deste grupo. As atividades eram realizadas aos domingos, com a participação de vários voluntários do CEDJ. As crianças eram o foco das atividades, mas com o crescimento dos trabalhos, os adultos também começaram a ser parte importante para o grupo e com isso a distribuição de cestas básicas, de sopa, palestras sobre saúde e higiene, evangelho no lar, foram acrescentadas nas tarefas desempenhadas pelos voluntários.

3.4.1 O trabalho realizado embaixo das árvores no bairro Nova Lima (1980 - 1990)

O grupo de voluntários desempenhava seu trabalho de evangelização espírita infantil nos terrenos cedidos pelos proprietários das áreas (Figuras 39 e 40). O trabalho que atendia os adultos era feito em uma estrutura física de madeira com cobertura de telha de fibrocimento,

também citada como a “cabana”, localizada na rua que era conhecida popularmente como “corredor do Nova Lima”. Alguns moradores também ofereciam as suas casas para as atividades com as crianças de menor idade (Figuras 41, 42 e 43).

Figura 39: Crianças embaixo das árvores em 1987



Fonte: Rupert (2014)

Figura 40: Crianças embaixo das árvores em 1992



Fonte: Rupert (2014)

Figura 41: Crianças nos quintais das casas em 1995



Fonte: Rupert (2014)

Figura 42: A cabana em 1997



Fonte: Rupert (2014)

Figura 43: Palestra para os adultos em 1997



Fonte: Rupert (2014)

Para o grupo de meninos na faixa etária de 14 a 18 anos foi criada uma atividade física em que eles se identificavam, surgindo então a turma do futebol (Figura 44).

Figura 44: Jovens no futebol em 1998



Fonte: Rubert (2014)

Os voluntários levavam todos aos domingos no período matutino um lanche para ser distribuído para as crianças e para os adultos, além da sopa que também era por eles fornecida (Figuras 45 e 46).

Figura 45: Aulas de evangelização em 1998



Fonte: Rubert (2014)

Figura 46: Aulas de evangelização em 1998



Fonte: Rubert (2014)

Em 1992, o grupo recebeu um terreno como doação e em 1994 mais seis terrenos foram somados, totalizando uma área de 2520 m², localizado no lote 5A da quadra 36 no Bairro Nova Lima (MAPA 3).

Mapa 3: Detalhamento do Bairro Nova Lima, a seta está indicando a área correspondente à Casa de Amália



Fonte: Semadur (2018). Adaptação Mariel Martins/2018

3.4.2 O trabalho sendo realizado a partir da construção da Casa de Amália

Com o crescimento da construção e a partir do momento em que algumas salas já estavam em condições de serem utilizadas, os trabalhos da evangelização e palestra para os adultos passaram a ser realizados dentro da edificação (Figuras 47e 48).

Figura 47: Palestra para os adultos em 2004



Fonte: cedida por Maristela Firmino (2018)

Figura 48: Crianças na sala em 2004



Fonte: cedida por Maristela Firmino (2018)

Na fase final da construção, com as salas já em fase de acabamento, a Casa de Amália recebeu doações de carteiras e cadeiras, contribuindo para um melhor desenvolvimento das atividades, além de ter proporcionado mais recursos aos voluntários nas realizações das tarefas (Figuras 49 e 50).

Figura 49: Crianças na sala em 2007



Fonte: cedida por Maristela Firmino (2018)

Figura 50: Crianças na sala em 2007



Fonte: cedida por Maristela Firmino (2018)

As obras para a construção foram iniciadas em 2000 e finalizadas em 2007, os recursos necessários foram obtidos por meio da venda de lotes do CEDJ localizados na Vila Ipiranga, o projeto consta hoje com uma área construída de 1023 m².

Segundo Edevaldo Monção, diretor da Casa de Amália em 2008, alguns projetos profissionalizantes como cursos de cabeleireiro, serigrafia, confecção de bombons caseiros aulas de computação, futebol, corte e costura, artesanato com bijuterias, aulas de bordados começaram a serem desenvolvidas durante a semana, entretanto, estes projetos foram até 2013. Como estes projetos eram realizados por voluntários, alguns não conseguiram permanecer, além do que a população que os buscavam também era transitória.

Em 2014, inicia-se por meio de pessoas capacitadas um curso preparatório para jovens ingressarem no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) e também aulas de reforço escolar. Nesta ocasião, contribuindo para a permanência destes jovens, eram também distribuídos lanches diariamente, contudo ao ser analisado o estatuto do CEDJ, foi observado que a Casa de Amália não poderia oferecer este projeto, o qual foi transferido para outra instituição não ligada ao CEDJ, embora todos esses projetos houvessem sido transitórios, a evangelização permaneceu aos domingos até a atualidade.

Atualmente a casa tem como atividade: artesanato com aulas de bordado e costura, essas atividades são desenvolvidas para dar suporte à comunidade a fim de que estejam aptas a obter renda própria.

Como passar do tempo, os trabalhos desenvolvidos têm trazido às pessoas da comunidade, valores morais aumentando a sua autoestima e fortificando relacionamentos interpessoais. Atualmente, a casa possui com este trabalho uma média de 30 voluntários distribuídos semanalmente. A Casa de Amália também oferece por meio de parceria com o programa SESC-Mesa Brasil, a doação de alimentos perecíveis e que são distribuídos às famílias carentes. O quadro de voluntários ainda é considerável, a casa atende em média 100 crianças e 40 adultos aos domingos e durante a semana na sala de costura e bordado uma média de 10 pessoas entre voluntários e assistidos, entretanto com SESC- Mesa Brasil a casa tem fornecido alimentos a um público de 25 adultos durante às sextas-feiras.

Os trabalhos manuais desenvolvidos pela sala de costura juntamente com o artesanato dos bordados têm trazido para a casa recursos financeiros necessários para se manter, além de proporcionar aos frequentadores prática em artesanato, preparando-os para o mercado de trabalho, contribuindo para o aumento da renda familiar.

Nas datas festivas, em especial o natal, a comunidade recebe presentes e doações de cestas de alimentos (Figuras 51 e 52).

Figura 51: Crianças e adultos recebendo presentes no natal em 2014



Fonte: cedida por Maristela Firmino (2018)

Figura 52: A comunidade recebendo cestas de alimentos em 2014



Fonte: cedida por Maristela Firmino (2018)

3.4.3 O artesanato na Casa de Amália

O artesanato da costura e bordado surgiu a partir da demanda da comunidade em realizar tarefas que lhe proporcionaria uma melhor renda familiar. As reuniões ocorrem semanalmente e durante este encontro, o grupo interage, troca informações, avalia a importância daquele espaço na vida da comunidade (Figuras 53 e 54).

Figura 53: Aulas de bordado em 2015



Foto: Mariel Martins (2015)

Figura 54: Aulas de bordado em 2015



Foto: elaborada pela autora (2015)

Em 2015, o artesanato foi implementado pela dedicação de algumas pessoas que elaboraram um projeto para ampliação das atividades e tiveram o consentimento do CEDJ. As atividades são desenvolvidas com orientações de voluntários que trabalham com este artesanato e o grupo já tem mostrado uma ampliação no volume dos produtos elaborados (Figura 55).

Figura 55: Artesanato na Casa de Amália



Foto: Mariel Martins (2015)

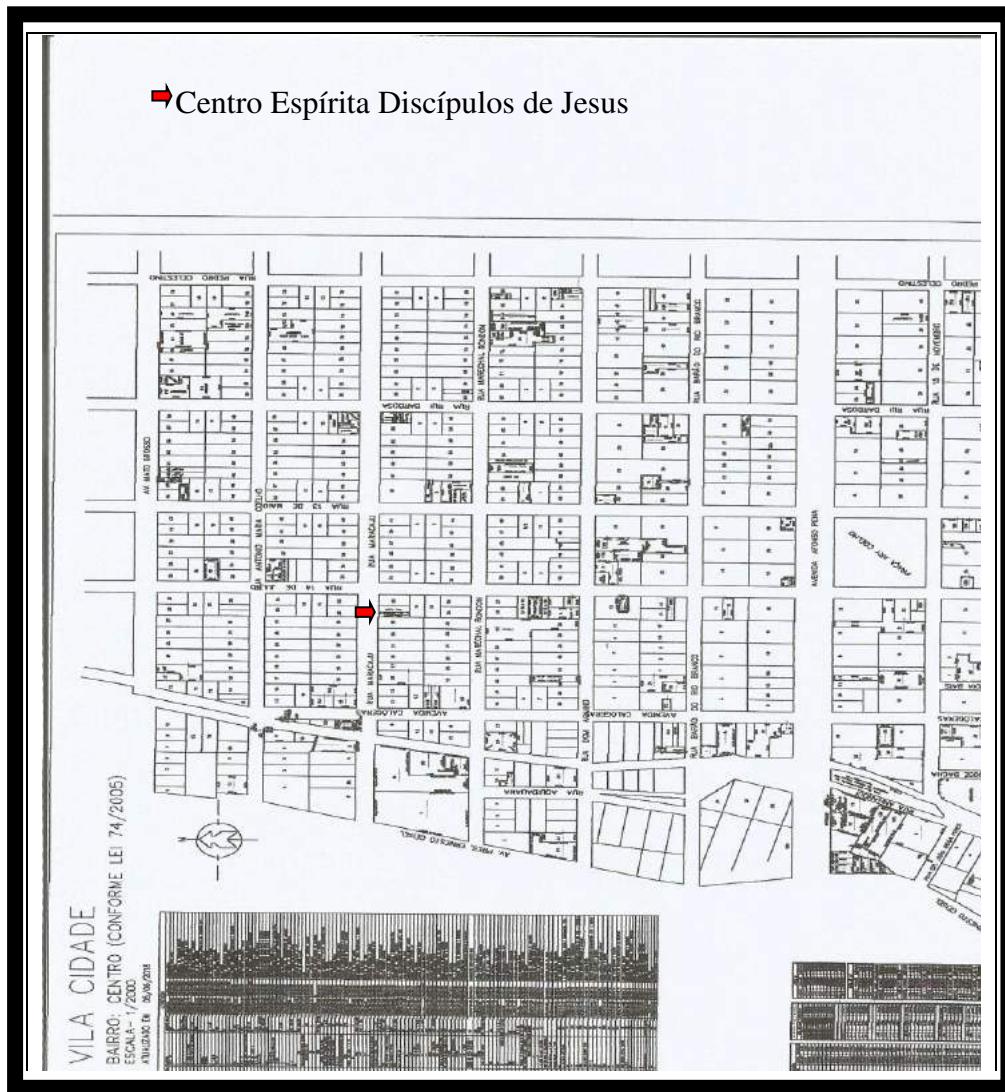
O espaço da Casa de Amália é um departamento externo do CEDJ, no Bairro Nova Lima e tem proporcionado por meio de suas atividades a integração entre todos, gerando sentimentos de pertença aos frequentadores, valorizando o lugar como se fosse sua casa. A comunidade da Casa de Amália tem contribuído para o bem-estar e para o progresso de todos os envolvidos, identificando o verdadeiro sentido do desenvolvimento local.

3.5 Atividades desempenhadas no CEDJ

A sala de costura Amália Domingo Soler é um departamento interno do CEDJ, localizada na rua Maracaju 244/250, mesmo local do centro espírita (MAPA 4).

Em 1980, um grupo de senhoras iniciou as suas atividades com a finalidade de confeccionar enxovais de bebês às mulheres gestantes em situação de vulnerabilidade social.

Mapa 4: Detalhamento do centro da cidade, a seta está indicando a área correspondente ao CEDJ



Fonte: Semadur (2018). Adaptação Mariel Martins (2018)

Esta atividade foi uma iniciativa de Maria Otília Guerreiro da Fonseca e Ercy Fernandes que atualmente continuam coordenando os trabalhos, distribuem uma média de 20 enxovais mensalmente às mães gestantes (BRUNET, 2014).

As voluntárias desenvolvem atividades manuais, tais como crochê, bordados em ponto cruz, artesanatos em geral (Figuras 56 e 57) que são vendidos em bazares ao longo do ano e que vão garantir recursos para a manutenção das atividades no ano seguinte (ALVORECER, 2013).

As gestantes são cadastradas e recebem informações básicas sobre o seu estado, esclarecimento quanto à higiene dos bebês e informações quanto à importância e responsabilidade de serem mães (IDEM).

Figura 56: Trabalhos desenvolvidos pela sala de costura Amália Domingo Soler no CEDJ em 2017



Fonte: onework (2018)

Figura 57: Trabalho desenvolvido pela sala de costura Amália Domingo Soler no CEDJ em 2017



Fonte: onework (2018)

Segundo uma das coordenadoras do trabalho, Maria Otília (Figura 58), ter os enxovais (Figura 59) presentes no momento que a gestante busca é muito prazeroso. O trabalho é realizado em um clima de muito carinho e confraternização, sentir a satisfação da mãe gestante é o que mais deixa feliz este grupo de voluntárias.

Figura 58: Maria Otilia Fonseca em 2019



Fonte: Paulo Martins (2019)

Figura 59: Enxoval de bebê doado às mães gestantes em 2018



Fonte: Onework (2018)

As atividades na sala de costura ocorrem semanalmente ao longo do ano e conta com um grupo de 30 voluntários (ALVORECER, 2014).

O CEDJ tem apresentado à população de Campo Grande um trabalho de ações sociais. Ao longo de todos estes anos, a partir de sua fundação até os dias atuais, o serviço ao próximo é a missão dos voluntários. A comunidade da Casa de Amália tem usufruído destes projetos, além de valorizar o bairro Nova Lima com estas ações, também tem demonstrado que a cidade tem recebido e contribuído com o desenvolvimento local.

4 MARCOS CONCEITUAIS DA PESQUISA

Esta pesquisa apresenta uma análise do CEDJ e de suas potencialidades, valorizando o ser humano principalmente no âmbito local.

Segundo Ávila (2003), o desenvolvimento local é visto como o lançamento de novos conceitos no seu significado anterior, onde o capitalismo ainda muito vigente se sobressai, procurando trazer para a comunidade local concreta, capacidades de desenvolver-se de dentro para fora (endogeneização) com ou sem a dependência externa, melhorando a qualidade de vida, ainda fomentando as interações com as outras comunidades, tanto nacionais como internacionais.

No CEDJ, observa-se tal fato pois as relações sociais são bem constituídas e as pessoas interagem, cooperam, solidarizam, tomam decisões em prol de uma coletividade em busca de valores.

A exemplo disto tem-se a Casa de Amália que foi criada para ser um ponto de integração da comunidade local do bairro Nova Lima, com aqueles que vinham do centro espírita a fim de evangelizar as crianças e pais.

Com o desempenho de voluntários e a partir do interesse da comunidade em desenvolver trabalhos manuais, nasceu a atividade voltada para o artesanato, trazendo para os frequentadores da casa um trabalho que contribuiria para aumentar a renda familiar e promoveria a integração social da comunidade local.

4.1 Espaço, lugar, território e territorialidade

Para se entender a comunidade local, faz-se necessário a contextualização de alguns conceitos básicos sob a dinâmica logística daqueles que participam ativamente das ações de artesanato, principalmente para a criação de peças envolvendo costura e bordados. O artesão é a pessoa que faz a mão os objetos de uso frequente na comunidade, possibilitando também ligar o passado ao presente mediante linguagens, o que torna possível que as gerações mais novas aprendam com as mais velhas suas técnicas e demais experiências acumuladas no cotidiano da vida e comunidade. Tuan (1983, p. 250) explica que o “lugar é um centro de

significados construído pela experiência transmitindo boas lembranças quanto à sensação de lar”.

É nesse espaço que o artesão começa seu trabalho transformando-se em processos seletivos de ocupação. O espaço pode ainda ser entendido de três formas de acordo com Santos (1994, p. 15):

Em primeiro lugar, o espaço pode ser visto num sentido absoluto, como uma coisa em si, com existência específica, determinada de maneira única. [...] Em segundo lugar, há o espaço relativo, que se põe em relevo as relações entre objetos e que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação, uns com os outros.[...] Em terceiro lugar,há o espaço relacional, onde o espaço é percebido como conteúdo e representado no interior de si mesmo [...].

Portanto, em tal ocupação identifica-se que na produção humana comunitária das artesãs está havendo uma singularidade da produção do espaço (SANTOS, 2008). Isto implica compreender o lugar por meio das necessidades existenciais, quais sejam a localização, a posição, a mobilidade, a interação com os objetos e/ou com as pessoas. Nessa perspectiva, se identifica a corporeidade e, a partir dela, a existência do ser no mundo em que vive e do lugar como espaço convivência e coexistência. Na concepção de López (1991, p.42):

Quando falamos de lugar, estamos nos referindo a um espaço, a uma superfície territorial de dimensões razoáveis para o desenvolvimento da vida, com uma identidade que o distingue de outros espaços e de outros territórios e no quais as pessoas conduzem sua vida cotidiana: habitam, se relacionam, trabalham, compartilham normas, valores, costumes e representações simbólicas.

O espaço inclui a ideia de ‘passo’, o que é possível ser mensurado com os passos; também se aproxima do significado do termo grego ‘*core*’ que indica uma ideia de vida, de lugar, no sentido de existir o lugar como uma página em branco onde se colocam a ação humana e o trabalho. (BRUNET, 2005).

Neste contexto, é relevante enfatizar o papel de toda religião que tem em sua história: memórias que estão no passado, acontecimentos longínquos, ações efetivadas. Este é o papel fundamental da “Casa de Amália”, nome este dado com o propósito de fazer uma homenagem à pessoa que instigou o fundador do CEDJ a vir ao Brasil, reconstituindo lembranças e pensamentos anteriores, se tornou espaço importante para os membros do grupo que o frequentavam (ROZENDAHL, 2002).

O espaço também pode ser entendido como uma construção social, sendo uma matéria trabalhada por excelência, onde “a casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que se unem entre si são elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam sua prática social”. (SANTOS, 1986, p. 137).

Para Raffestin (1993) é de fundamental importância saber diferenciar espaço de território, pois para este autor, o espaço vem primeiro, o território surge a partir do uso do espaço com definições pré-estabelecidas, mas não é o espaço, podendo se apresentar como um projeto construído pelos homens e para os homens na intenção de se realizar um trabalho. O território pode ser marcado pelas ações dos trabalhos realizados, compreende os sistemas de ações e objetivos associados a um espaço, inseridos dentro de um campo de poder.

Quanto ao território, vale ressaltar que o mesmo precisa ser reconhecido como pertencente ao sujeito no qual se enraíza no âmbito do local. Por isso, a importância das relações sociais entre as artesãs, mas também delas com outros membros da comunidade do Centro Espírita. Haesbaert (2009, p. 42), enfatiza que:

Dentro do par materialismo-idealismo, portanto, podemos dizer que a vertente predominante é, de longe, aquela que vê o território numa perspectiva materialista, ainda que não obrigatoriamente ‘determinada’ pelas relações econômicas ou de produção, como numa leitura marxista mais ortodoxa que foi difundida nas Ciências Sociais. Isto se deve, muito provavelmente, ao fato de que o território, desde a origem, tem uma conotação fortemente vinculada ao espaço físico, à terra.

Para entender território é necessário, portanto, fazer reflexões conceituais e entender a dinâmica espacial. É sinônimo de espaço humano, espaço habitado e vivido pelas ações sociais. É nítido que a concepção de território se associa à ideia de natureza e a de sociedades configuradas por limite de poder atribuindo um sentimento de pertença nas escalas de países, estados, regiões, municípios, bairros, fábricas e moradias, bem como, convívio das relações sociais que reproduzem um espaço, que no presente caso é o espaço comunitário das artesãs.

Nesse contexto a construção do prédio que abriga a Casa de Amália daquele espaço da sociedade tornou-se um ponto de referência. As relações sociais que lá são desenvolvidas unem as pessoas, fazendo parte das suas vidas. Esse sentimento de pertença criou uma relação de proximidade entre a comunidade e os voluntários do CEDJ, mas também entre os próprios membros daquele local.

É comum vincular o território como espaço geográfico, mas é incipiente este pensamento quando há um estreitamento entre os membros que vivem e as circunstâncias

externas que os envolvem, com a sua apropriação, sua vivência e a identificação com o território, constrói-se o conceito de territorialidade que nada mais é do que um território vivido (GONÇALVES, 2002).

A maneira como as pessoas se adaptam e se identificam com o território surge por meio das sensações que nascem mediante esta vivência em um determinado local e a partir do conceito que se constrói ao longo deste tempo (LE BOURLEGAT, 2008). Para analisar o território é necessário entender a sua dinâmica espacial e assim fazer algumas considerações, traduzindo-se a um significado de espaço humano, espaço habitado onde as ações sociais acontecem.

As artesãs têm como base de trabalho a Casa de Amália, onde desenvolvem atividades e criam laços afetivos, se socializam, é importante para este grupo social o enraizamento no local, fortalecendo as suas identidades no território e neste processo contínuo de melhoramento alcançam uma melhor qualidade de vida.

Buttimer (1985) destaca que as relações sociais são um dos fatores que contribuem para o despontamento do território por meio daqueles que lá se encontram, salientando a importância da interatividade de cada um com o espaço onde vive. Já as territorialidades estão ligadas às questões de afetividade do ambiente, onde os habitantes já criaram algum modo de sobrevivência e possuem valor emocional, reconhecidos pela sua originalidade por meio do comportamento humano e das relações ou dos grupos sociais estabelecidos. Um dos pontos importantes a serem ressaltados, dada a importância das atividades sociais da Casa de Amália, destaca-se pelo valor sentimental das pessoas pela casa e como esta relação tem contribuído de forma benéfica para o seu convívio em sociedade. Santos (2004, p.19) destacou que:

Por território entende-se a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence [...] Esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia e territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimos da área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é um privilégio do homem.

Outro aspecto que merece ser enfatizado volta-se no entendimento de Valle (2002), ao sentimento de pertença que pode ser definido como os laços que prendem o sujeito ao modo de ser, aos comportamentos e estilos de um grupo ou comunidade do qual é parte ou se

torna membro, fazendo com que se sinta e aja como participante pleno, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e aos valores.

Para que uma imagem social seja construída e possa representar o grupo e seus respectivos membros diante da sociedade, necessitam de um processo que abranja diferentes aspectos simbólicos e afetivos. A partir do momento em que o indivíduo nasce ou faz parte de um grupo, ele deve aprender a pertencer a este e buscar ou encontrar estratégias para inserir-se no mesmo. Isto ocorre nas ações das artesãs da Casa de Amália, há a integração entre os colaboradores e a comunidade local, pois laços afetivos e objetivos comuns nasceram neste processo, contribuindo para que as pessoas se sintam valorizadas e pertencentes a esse local.

4.2 Conceito da Comunidade na ótica do desenvolvimento local

Comunidade pode ser designada como uma unidade social que abriga pessoas com interesses comuns, compartilhando ideias, normas, valores e que ocupam um lugar situado em um local geográfico (WEBER, 2002). A Casa de Amália está localizada no bairro Nova Lima, na cidade de Campo Grande - MS, acolhendo pessoas não só do bairro, mas também a indivíduos de bairros próximos.

Silva (1999) elucida que as pessoas com interesses comuns, participando da realização de uma ação, demonstram e desenvolvem uma prática rotineira em suas vidas, como é por exemplo o trabalho do artesanato na Casa de Amália. Ao longo do tempo, esta atividade foi se enraizando e tomando forma, contribuindo para a socialização da comunidade e nos dias atuais deve-se salientar a importância do seu aspecto profissional, social no contexto da respectiva casa.

Costa (2005a, p. 237) considera que “a comunidade, o lugar da segurança, remete-nos ao sentido mais tradicional que conhecemos, em que os laços por proximidade local, parentesco, solidariedade de vizinhanças seriam a base dos relacionamentos consistentes.”

Sendo assim, é pertinente enfatizar que a base da sobrevivência do ser humano está na sua interação com outros grupos, até mesmo para a sua reprodução. A presença do homem em grupos e pela necessidade do trabalho contribuíram para a sua evolução, dando margem ao surgimento das primeiras comunidades. Para a sociologia, a definição da comunidade tem demonstrado alguns conceitos que podem ser divergentes entre si. Segundo a literatura

sociológica, a comunidade pode ser contextualizada por meio de três consensos básicos: a interação social entre as pessoas, um ou mais laços ou vínculos e o contexto de área, dessa forma, o território não é um termo tão significativo para a criação de uma comunidade (RECUERO, 2001).

A ideia de comunidade pressupõe a existência de ações integradoras, o anseio de pertença e a construção de laços sociais (BONOMO *et al.*, 2013). As relações intra e intergrupais quando na análise da realidade do outro, pode levar à construção de um sentimento afetivo, criar vínculos e, por consequência promover o desenvolvimento humano, acarretando mudanças na vida do indivíduo ao longo do tempo e do espaço (BRONFENBRENNER, 1996).

No aporte de Castells (2003), as comunidades locais são construídas por meio da ação coletiva e constituem fontes particulares de identidade, é importante ressaltar que a reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade pode emergir a partir do momento que ela se auto reconhece e auto se organiza socialmente

A identidade, assim como a história, o território e a cultura são elementos que compõem a própria teoria do desenvolvimento local. Kashimoto, Marinho e Russef (2002, p.41), defendem que:

O desenvolvimento local pressupõe esse conjunto de pré-condições para seu crescimento, com vistas à manutenção da identidade local. A criatividade, fruto da interlocução interna à comunidade, instrumentaliza o desenvolvimento de projetos adequados às condições sócio-culturais locais. Em conjunto, estudos técnico-científicos e projetos de longa duração somam-se ao saber empírico-local, e tornam efetivo e producente o conhecimento sobre o lugar. A afirmação da identidade cultural é imprescindível ao fortalecimento da comunidade em seu ambiente, possibilitando-lhe a escolha das melhores soluções e, consequentemente, a condução do processo de desenvolvimento local.

Culturalmente, a comunidade da Casa de Amália apresenta, dentro das suas ações diárias construídas, a afetividade entre os que lá convivem e a valorização do indivíduo, pois traçam objetivos comuns e proporcionam aos frequentadores o sentimento de ser pertencente ao local.

Para que tudo ocorra de forma eficaz e se consolide os objetivos e metas necessárias para o progresso, é de fundamental importância que os elementos integrantes da comunidade despertem para a importância do seu papel neste contexto, pois só assim, o desenvolvimento

local tomará as proporções necessárias para a sua realização (CASTILHO; FERREIRA, 2012).

A Casa de Amália não teria surgido se a comunidade local não criasse este vínculo afetivo pelos frequentadores e pelas ações sociais desenvolvidas, a perseverança, a disciplina no trabalho e a vontade de servir fez crescer a ideia de um espaço que abrigasse pessoas em busca de valores morais. O sentimento de pertença pela casa está fortemente representado pelos os que lá frequentam e que estão em busca de um progresso moral e intelectual. Este inter-relacionamento tem contribuído para estreitar o convívio da comunidade com as pessoas pertencentes ao bairro e a importância do seu papel para a sociedade.

4.3 Capital social

A comunidade da Casa de Amália apresenta uma cooperação entre os membros que participam das atividades do artesanato, a integração social tem beneficiado por meio destas relações os indivíduos participantes deste processo, contribuindo para a melhoria substancial da comunidade. A solidariedade entre os indivíduos dentro e fora da casa tem aumentado e contribuído para que a ajuda, a amizade, as coisas intangíveis, ou seja, o capital social sejam fatores importantes para o cotidiano das pessoas e ainda mais para a comunidade.

Para o filósofo francês Bourdieu (1986, p.10), o capital social é gerado por meio das constantes relações entre as pessoas de um grupo, destacando a “reprodução do capital pressupõe esforço incessante de sociabilidade, uma série contínua de intercâmbios onde o reconhecimento é infinitamente afirmado e reafirmado”.

Enfatiza ainda o autor supracitado que o capital social contribui para o desenvolvimento humano e suas organizações, para que o local se desenvolva na perspectiva de valorização da sua identidade, estimulando a melhoria da qualidade de vida, em uma relação de compreensão que a comunidade deve estabelecer mantendo a cooperação, a confiança, a identidade, a amizade, a solidariedade, entre outras.

A confiança, que também está presente nas relações das pessoas que integram a comunidade da Casa de Amália, dependem de confiança mútua, sendo esta atrelada por meio de um comportamento cooperativo, sólido, porém baseado em normas compartilhadas pelos membros dessa comunidade (FUKUYAMA, 1996). A comunidade da Casa de Amália possui

esses requisitos, frisando principalmente a confiança mútua pois as artesãs se reconhecem como membros do processo e a falta de uma das integrantes compromete todo o trabalho desenvolvido.

Na concepção de Robert Putnam (2006), o capital social depende do grau de funcionamento das redes sociais, sejam elas de que natureza for, a partir delas nasce em variados graus, a confiança mútua entre os atores sociais, a troca de valores, o respeito pelo outro, sem deixar de observar as normas coletivas, assim como, a união entre grupos distintos.

De acordo com o relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO (1996, p.19):

O capital social e a cultura são componentes chaves dessas interações. As pessoas, as famílias, os grupos são, essencialmente capital social e cultura. São portadoras de atitudes de cooperação, valores, tradições, visões da realidade - que constituem sua própria identidade. Quando isso é ignorado, deteriorado, desrespeitada sua ordem natural, inutilizar-se-ão importantes capacidades aplicáveis ao desenvolvimento e liberar-se-ão poderosas resistências. Se, pelo contrário, se reconhece, explora, valoriza e potencializa sua contribuição, ela pode ser muito relevante e propiciar círculos virtuosos com as demais dimensões do desenvolvimento.

Lin (1999) conceitua capital social como um investimento das pessoas nas relações sociais, como uma maneira para acessar recursos e melhorar sua condição financeira e qualidade de vida. Investir em capital social facilita o fluxo das informações, onde os laços sociais podem exercer influência sobre os agentes que participam nas decisões que envolvem as pessoas e a comunidade. O capital social age como uma credencial social dos indivíduos que dá acessibilidade aos recursos por meio das redes de relacionamentos e o capital social reforça a identidade, os relacionamentos de um grupo de pessoas ou comunidade.

A visão dos integrantes da Casa de Amália quanto a este relacionamento está fortemente vinculada a união das pessoas que participam nas tomadas das decisões, por serem os laços sociais bem fundamentados. Diante do exposto, o capital social contribui para o desenvolvimento humano e suas organizações, para que o local se desenvolva na perspectiva de valorização da sua identidade, estimulando a melhoria da qualidade de vida da comunidade, por meio da cooperação, confiança, identidade, amizade, solidariedade, etc.

4.4 Desenvolvimento local

Assim, o desenvolvimento local também está presente quando os atores da comunidade, a partir da cultura da solidariedade, também estendem este conceito em seu meio, tornando-os dinamizadores do mesmo propósito. Segundo esta análise, Ávila (2003, p.102) aponta que:

A solidariedade representa o estado de ânimo (impressões, crenças e convicções) que gera volitivos, afetivos e efetivos laços de mobilização e cooperação (nos âmbitos de uma pessoa para com outra, de um grupo para com outro, dos membros de um grupo para com todo o grupo ou de membros para com membros do mesmo grupo) [...].

Amplia esta discussão o autor ao afirmar que o desenvolvimento local, dentro de um regime democrático, por meio de suas comunidades localizadas, baseada numa organização cooperativa são capazes de mobilizar-se para a geração de seu próprio bem-estar, encontrando possíveis soluções para os seus mais imediatos problemas, necessidades e aspirações, construindo seus bordados e socializando conhecimentos e técnicas de ensino-aprendizagem confeccionando seus produtos artesanais (ÁVILA, 2005).

O desenvolvimento humano ocorre a partir de um processo no qual o indivíduo passa a interagir com outros ambientes, possibilitando mudanças que se desdobram no tempo e no espaço, assim, a pessoa em desenvolvimento é uma entidade em crescimento, dinâmica, que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura. Acontece aí uma reciprocidade entre ambiente e pessoa. A dimensão ética refere-se à inclusão do outro no decorrer da elaboração do conhecimento, valorizando sua participação ativa na autoria e propriedade do saber enquanto objeto produzido coletivamente. Por outro lado, a dimensão política está associada ao intuito e aplicabilidade do conhecimento, provendo subsídios para o entendimento (MARTINS, 2002).

A dimensão ética refere-se à inclusão do outro no decorrer da elaboração do conhecimento, valorizando sua participação ativa na autoria e propriedade do saber enquanto objeto produzido coletivamente. Por outro lado, a dimensão política está associada ao intuito e aplicabilidade do conhecimento, provendo subsídios para o entendimento.

A prática e a experiência das artesãs no âmbito do desenvolvimento local, faz com que as mesmas escrevam sua história por meio dos trabalhos manuais que realizam. Tais

artesãs buscam por mudanças pessoais, tais como: autoestima, inserção social em função das atividades que essas mulheres exercessem na comunidade local.

Ávila (2003, p. 7), esclarece essa relação, frisando que:

O primeiro é o de colocar em evidência a oportunidade e mesmo necessidade de a relação temática EDUCAÇÃO ESCOLAR X DESENVOLVIMENTO LOCAL se alimentar e implementar pelo ensino-aprendizagem dos domínios científicos curriculares a partir de fatos e fenômenos dos meios de vivência das próprias comunidades-localidades, em que as escolas se inserem, mediante firme e intensa política de apoio à multiplicação de inovadoras experiências nesse sentido. E o segundo é o de sugerir maneiras ou rumos operacionais para que essa mesma relação temática se dinamize em perspectiva simultaneamente tridimensional, portanto implicando num único processo: a melhoria da qualidade/quantidade do ensino, em termos de volume e significância vivencial; a transformação das ações docentes e discentes em trabalho prazeroso pelo conhecimento e aproveitamento das realidades e potencialidades locais como pontos-de-partida (e não ‘pontos-de-chegada’) ou ‘campos-de-decolagem’ para abstrações cada vez mais ampliadas e universalizadas de conhecimentos gerais, científicos e tecnológicos; e o concomitante reflexo construtivo dessa dinâmica escolar na melhoria da qualidade de vida dos próprios alunos, assim como de suas famílias e comunidades.

Ávila (2001) afirma que o desenvolvimento local é o processo dinamizador da comunidade local a fim de que a mesma reactive suas perspectivas, econômicas, sociais, ambientais, assim como também, aspectos culturais e qualidade de vida. Dentro de uma visão econômica do artesanato do bordado sendo comercializado e os recursos financeiros gerando perspectivas melhores de vida a todos, pode-se salientar a importância do trabalho para a casa e consequentemente as artesãs desempenham um papel fundamental no contexto do desenvolvimento local.

Ao se perceber algumas características do desenvolvimento local, importante atentar às sinalizações de Guerrero (1996, p.410), quando considera que:

Não é mais possível se considerar nem residual nem secundário o conjunto de variáveis endógenas sociais do sistema local porque o desenvolvimento é, em grande medida, o fruto de uma complexa construção social da economia, saída de sociedades locais com estruturas e histórias determinadas. Por isso, já aceita-se hoje em dia um certo consenso que o desenvolvimento local é possível e que se trata de um processo dinâmico e global de colocação em marcha e sinergia dos atores locais para valorizar os recursos humanos e materiais de um território dado e em relação negociada com os centros de decisão do conjunto econômico, social e político que se inserem.

Desenvolvimento local consiste na realização e concretização de ações que viabilizam uma cooperação solidária que vem a sensibilizar a população, mobilizar e

promover um trabalho em conjunto com a comunidade local inserida no contexto. Deve haver uma conscientização de cada indivíduo integrante da comunidade de seu papel como colaborador para a fomentação do processo de desenvolvimento local, além da conscientização coletiva da comunidade como gestora da criação e da aplicabilidade de iniciativas, que consolidem de forma eficaz os objetivos e metas traçados para o progresso e bem-estar de todos os envolvidos na localidade. É importante que o desenvolvimento local seja gerido e aplicado de forma que a comunidade-localidade possa ser gerenciadora desse processo de desenvolvimento, para assim, obter maior autonomia para decidir seu destino e os caminhos a serem seguidos para seu crescimento e melhoria da qualidade de vida (CASTILHO; FERREIRA, 2012).

Martins (2002) enfatiza que o desenvolvimento local é proporcional à escala humana, devendo ser entendido como a satisfação das necessidades humanas fundamentais, por meio do protagonismo real e verdadeiro de cada pessoa. A partir do desenvolvimento local, o indivíduo passa a se identificar consigo mesmo, com os outros e com o território no qual está inserido e pode realizar ações múltiplas nos diferentes âmbitos que integram a estrutura organizacional de uma comunidade, além de promover a integração entre todos os seus membros.

A Casa de Amália vem desenvolvendo juntamente com a comunidade de artesãs, uma maneira de transformar a atividade do meio em fins que possibilitem colaborar na manutenção econômica da casa, transformar a situação social e econômica de cada artesã, além de promover o crescimento pessoal, proporcionando uma melhoria em suas vidas.

Portanto, torna-se relevante detalhar os aspectos que envolvem essa relação entre as artesãs e a casa, uma vez que esta ação meio, se torna no fim uma mola propulsora de modificação pessoal, local e regional. Comprovando assim que ações como estas devem ser fomentadas para colaborar no desenvolvimento de relações interpessoais que impulsionam o desenvolvimento cultural e social do indivíduo.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Os resultados das análises dos dados obtidos foram feitos a partir de 47 questionários aplicados aos frequentadores da Casa de Amália no bairro Nova Lima (Apêndice I), contendo 11 questões e que tinham o propósito de analisar os motivos de frequentarem a casa, assim como de saber as atividades que poderiam ser oferecidas futuramente. Os dados da pesquisa, são apresentados por meio de tabelas, gráficos e análises baseadas na teoria do desenvolvimento local.

5.1 Dados referentes aos participantes

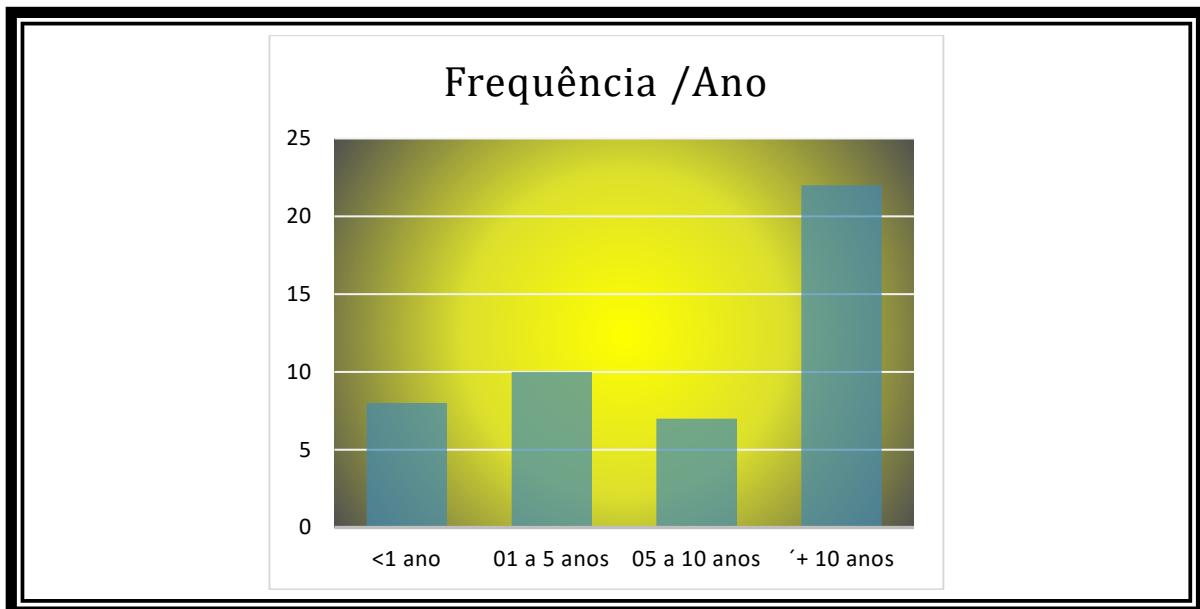
5.1.1 Local

Tabela 1. Local que o participante reside

Local	Quantidade	Percentual
No bairro Nova Lima	21	44,68 %
Outro bairro próximo	9	19,15 %
Região distante da cidade	17	36,17 %
Total	47	100,00 %

5.1.2 Frequência à Casa de Amália

Na vertical do gráfico 1, está a quantidade de pessoas entrevistadas em relação ao tempo que frequentam, logo constatou-se que a maioria participa há mais de dez anos e também é importante ressaltar que a participação das pessoas vem antes do espaço físico ser construído, demonstrando identificação e familiaridade com o trabalho que é desenvolvido.

Gráfico 1 - Frequência à Casa de Amália**Tabela 2. Frequência à Casa de Amália**

Frequência	Quantidade	Percentual
Há menos de um ano	8	17,02 %
Entre um e 5 anos	10	21,27 %
Entre 5 e 10 anos	7	14,90 %
Há mais de 10 anos	22	46,81 %
Total	47	100,00 %

Ao longo do tempo, percebeu-se como os laços afetivos e os trabalhos sociais fortaleceram vínculos entre os frequentadores, por meio das atividades desenvolvidas se contribuiu para uma ampla socialização da comunidade (SILVA ,1999).

Segundo Bourdieu (1986), o capital social da Casa de Amália é movimentado por estas relações que se repetem pelos integrantes, valorizando a identidade dos participantes, estimulando a melhoria de vida, baseado na confiança, amizade, solidariedade e se estende além do espaço físico da casa.

5.1.3 Frequência à Casa de Amália na atualidade

No gráfico 2, foi levantada a frequência semanal das pessoas atualmente, observa-se que a maior parte dos entrevistados, 26 pessoas frequentam uma vez na semana. É importante verificar que um dos fatores para análise deste fato está relacionado ao trabalho semanal das pessoas, dificultando o deslocamento e participação nas atividades, porém apesar de ser um dado menor, o número de frequentadores mais de uma vez na semana também é relevante. Demonstra-se assim, que a casa tem agregado participantes em busca de valores morais e intelectuais, além de contribuir com a renda familiar, desenvolvendo as atividades do artesanato

Gráfico 2- Frequência semanal das pessoas

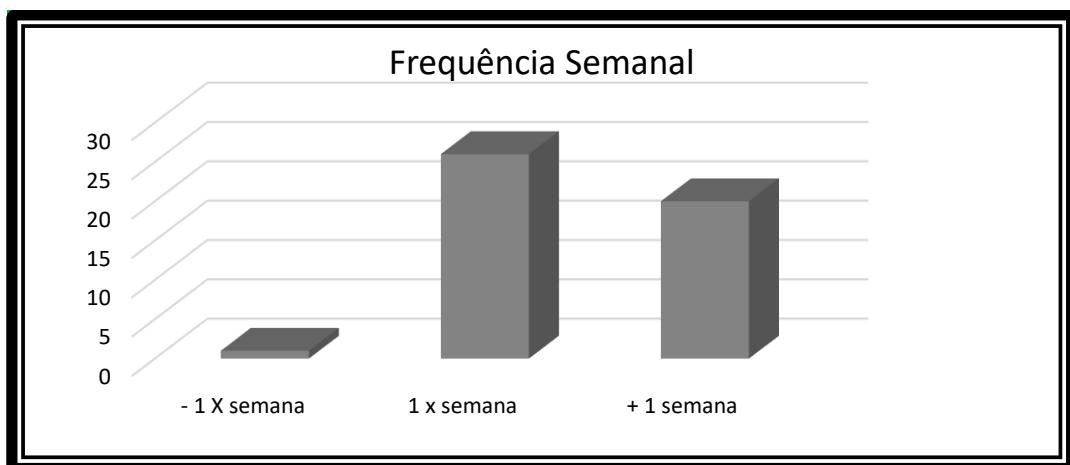


Tabela 3. Frequência à Casa de Amália atualmente

Frequência	Quantidade	Percentual
Menos de uma vez por semana	1	2,13 %
Uma vez por semana	26	55,32 %
Mais de uma vez por semana	20	42,55 %
Total	47	100,00 %

5.2 Perfil

5.2.1 Gênero dos frequentadores

A seguir, o gráfico 3 demonstra o gênero dos participantes, ficou bem definido, ao notar-se que 89% são do gênero feminino e 11% do gênero masculino.

Gráfico 3 - Gênero dos frequentadores

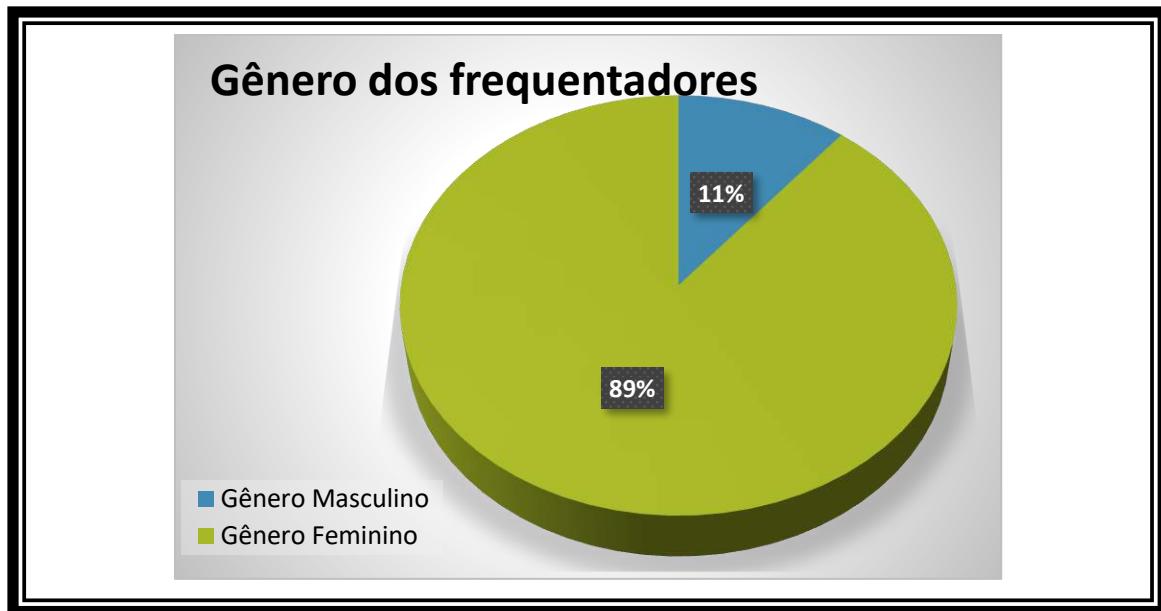


Tabela 4. Perfil dos frequentadores

Gênero	Quantidade	Percentual
Masculino	5	11 %
Feminino	42	89 %
Total	47	100,00 %

Em relação à diferença registrada, esta ocorre devido à presença maioritária de mães que levam seus filhos para evangelização, além das atividades que a casa oferece, tais como o artesanato e distribuição de gêneros alimentícios ser voltado mais para o público feminino.

Nota-se também que as mulheres são mais dedicadas às ações sociais e em muitos lares são predominantemente chefes de famílias (dado não mostrado).

5.2.2 Escolaridade

Quanto à escolaridade dos entrevistados, 18 pessoas, possuem o nível fundamental incompleto, são estes integrantes a maioria que frequenta em busca das ações que a casa oferece. O motivo da falta de instrução é relativo ao fato das pessoas terem que trabalhar, terem filhos em tenra idade, muito jovem já precisarem ajudar a família no sustento do lar (Gráfico 4). Os entrevistados com nível superior completo são os voluntários que realizam as tarefas desempenhadas pela Casa de Amália e que procuram auxiliar a comunidade do bairro.

Gráfico 4 - Nível de escolaridade

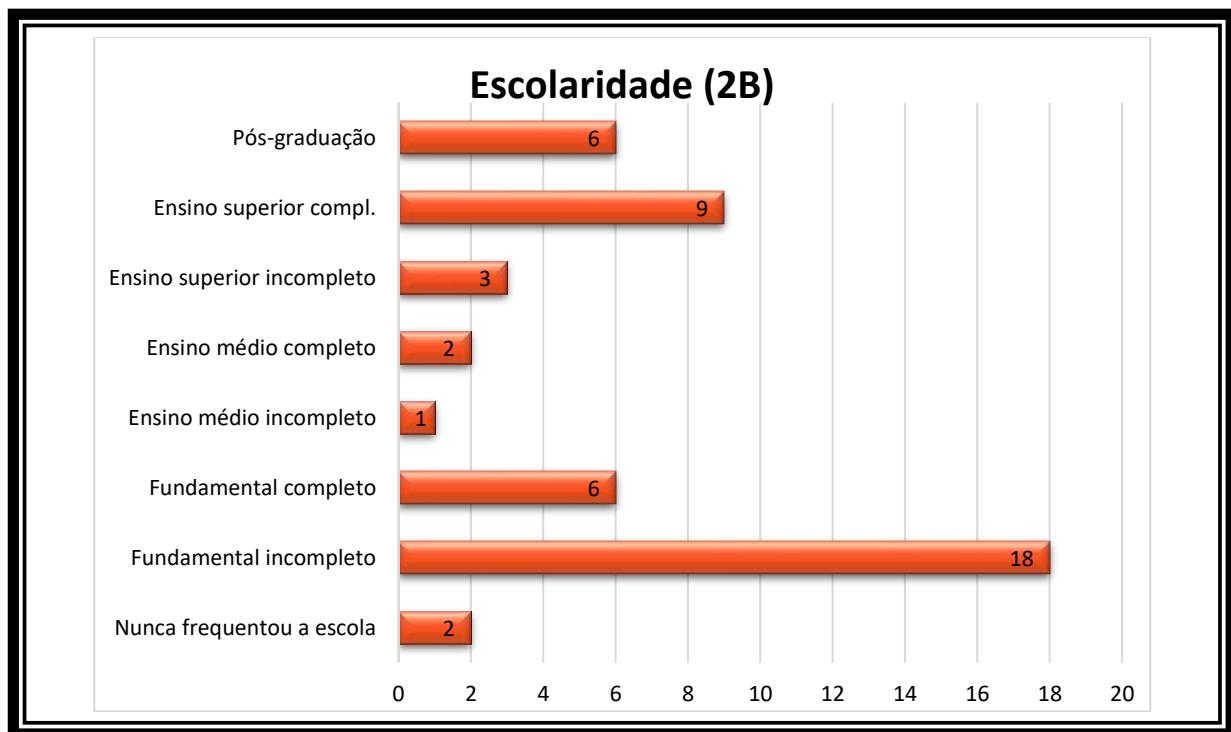


Tabela 5. Escolaridade

Escolaridade	Quantidade	Percentual
Nunca frequentei a escola	2	4,26 %
Ensino Fundamental incompleto	18	38,30 %
Ensino Fundamental completo	6	12,77 %
Ensino Médio incompleto	1	2,13 %
Ensino Médio completo	2	4,26 %
Ensino Superior incompleto	3	6,38 %
Ensino Superior completo	9	19,15 %
Pós-graduação	6	12,77 %
Total	47	100,00 %

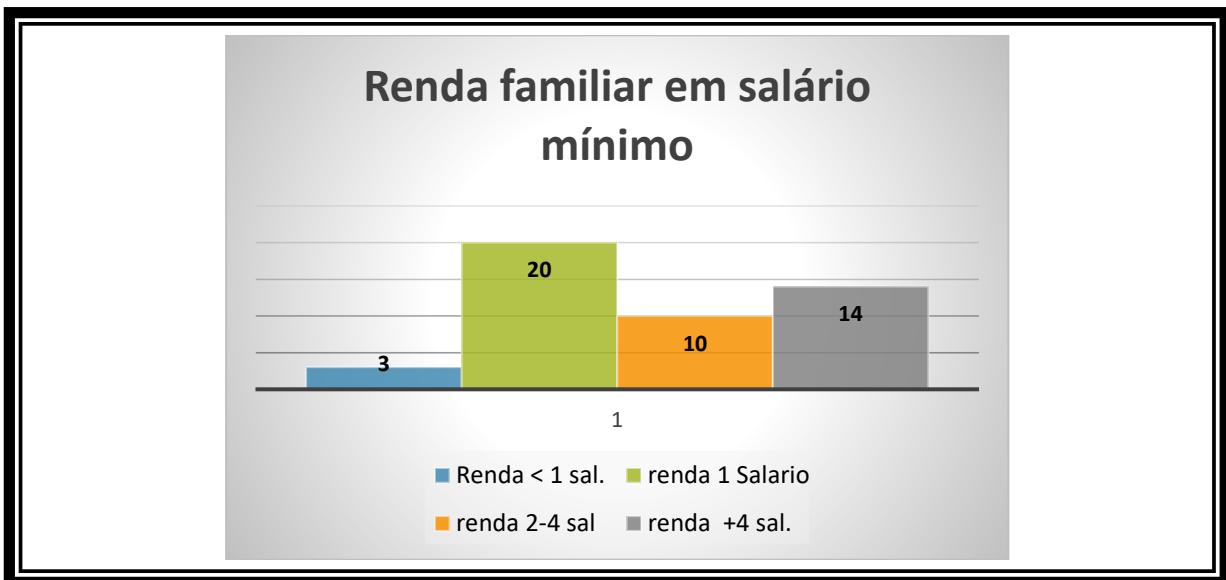
De acordo com Castro (2009), o analfabetismo está muito relacionado às regiões menos desenvolvidas, na população de baixa renda e quanto mais velha é a população amplia-se o número de analfabetos. De acordo com os dados apresentados, percebe-se um alto índice de pessoas com nível de ensino fundamental incompleto, apesar de terem frequentado a escola, apresentam um baixo nível socioeconômico.

Embora o índice de pessoas com o ensino fundamental incompleto possa ter se apresentado elevado, a Casa de Amália tem contribuído ao longo de todos esses anos para a redução do analfabetismo na comunidade e tem incentivado com as suas ações a participação das pessoas nos projetos realizados.

5.2.3 Renda familiar

Por meio do conhecimento sobre o nível sócio econômico dos frequentadores da casa, quanto à questão sobre a renda familiar, esta foi feita com a intenção de se apurar o interesse das pessoas em relação ao trabalho oferecido (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Renda familiar em relação ao salário mínimo

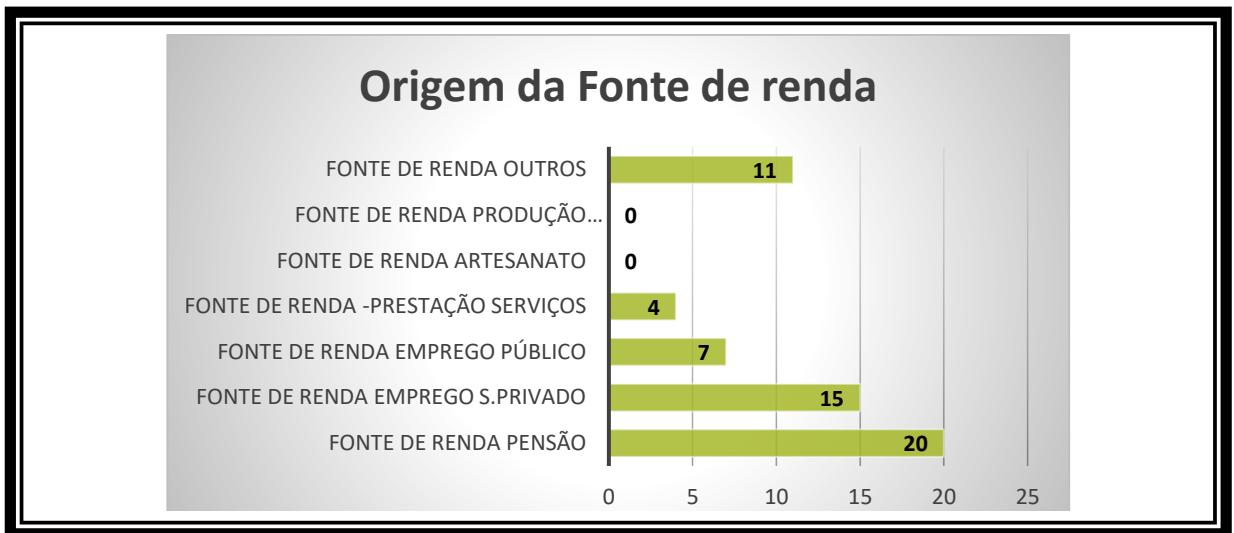


O Benefício de Prestação Continuada (BPC) da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e que tem contribuído para a renda familiar deste grupo, 14 pessoas têm recebido mais de 4 salários mínimos, são os frequentadores que atendem às atividades da casa e que tem um grau de instrução maior. Porém, ainda tem grupo de três pessoas que ainda recebe menos de um salário mínimo.

5.2.4 Origem da fonte de renda

Os resultados contidos no gráfico 6, referem-se a origem da fonte de renda dos participantes, 20 pessoas têm sua renda proveniente de pensão ou aposentadoria. A fonte de renda outros no gráfico, representando 11 pessoas, está relacionada ao benefício do LOAS, já explicado anteriormente.

Gráfico 6 - Origem da fonte de renda

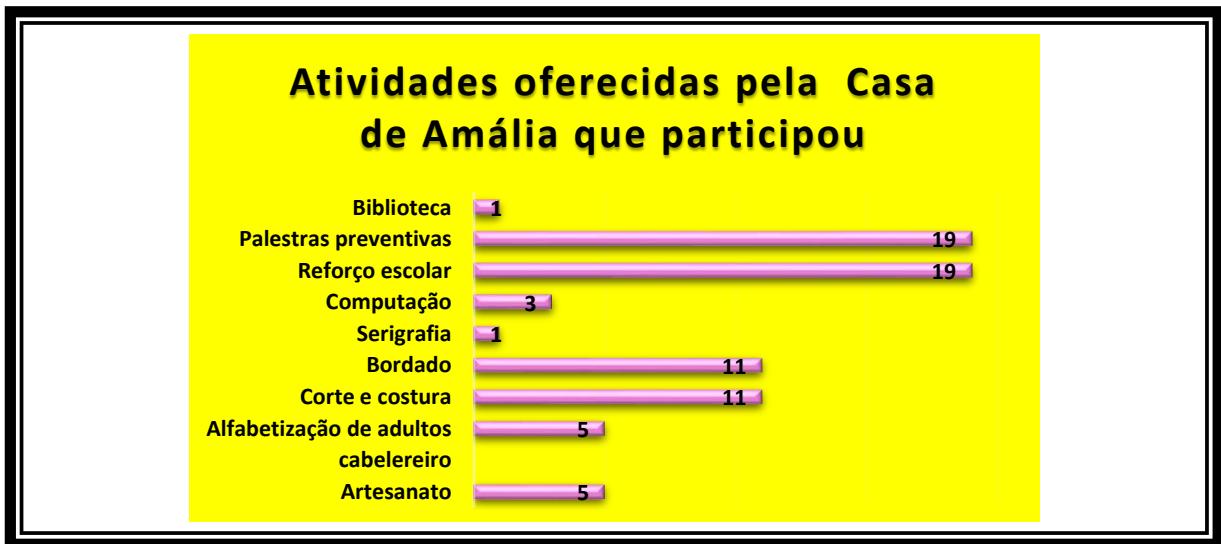


Observa-se que a maioria está aposentada e alguns recebem benefícios, porém não há um interesse em procurar outras alternativas, tais como, uma renda proveniente de um trabalho manual que possa melhorar a sua situação financeira.

5.3 Participação em atividades oferecidas pela casa

No gráfico 7 a seguir, foi questionado aos frequentadores em quais atividades oferecidas na Casa de Amália, a partir da sua fundação e até atualmente, nas quais eles participaram. O questionamento teve como objetivo identificar se as pessoas tiveram interesse em buscar os trabalhos que a casa oferecia gratuitamente. Observa-se que as palestras preventivas relacionadas à saúde e o reforço escolar foram as mais frequentadas.

Gráfico 7- Participação em atividades oferecidas pela Casa de Amália desde sua fundação



O artesanato referente ao bordado e as atividades da sala de costura também tiveram um número considerável, 11 pessoas participaram.

Segundo os dirigentes da Casa de Amália, o maior motivo para não continuidade dos demais trabalhos relacionados, deve-se ao desinteresse dos frequentadores, levando a desistência de voluntários para ministrarem as aulas.

5.4 Participação em ações da casa como voluntários

A análise do gráfico 8, demonstra que 70 % são voluntários em ações da casa por trabalharem e gostarem do que realizam e 30 % não se consideram participativos nas atividades da casa.

Gráfico 8 - Participação em ações da casa como voluntário

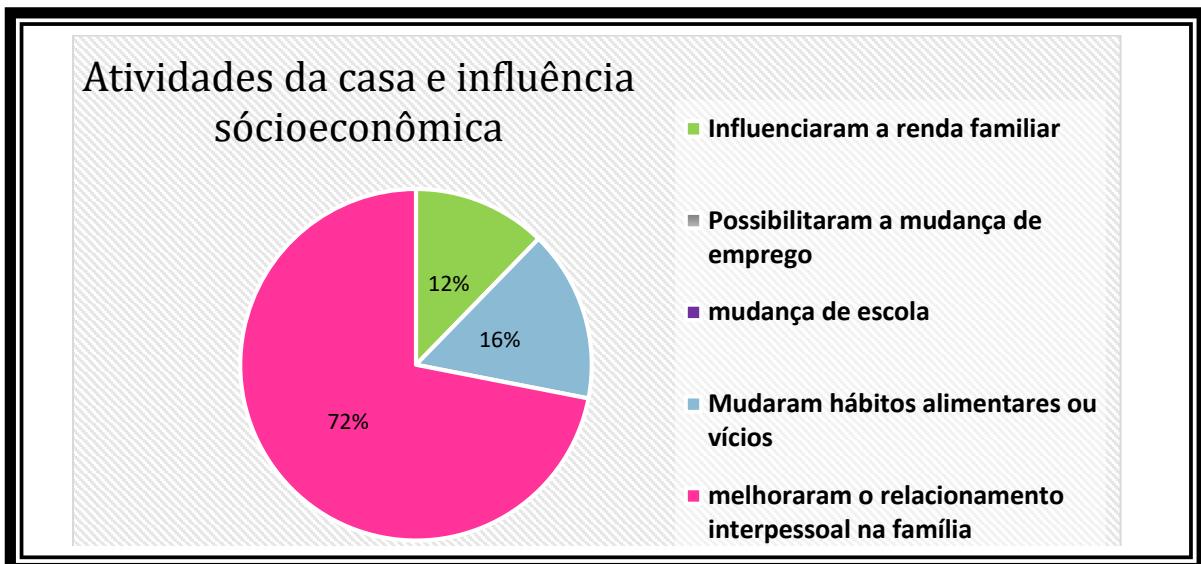


5.5 Atividades da casa e influência socioeconômica

O gráfico 9 está relacionado com as atividades frequentadas e a influência que a casa exerceu sobre os participantes. Como se pode observar, a porcentagem maior, 72% responderam que o relacionamento interpessoal na família melhorou após as ações desenvolvidas na Casa de Amália, alguns citaram os benefícios nos comportamentos e atitudes por meio das palestras, leituras, atividades de artesanato

A partir de 1985, a comunidade tem presenciado a ajuda dos colaboradores da casa em suas vidas, desde o tempo em que as tarefas eram realizadas embaixo das árvores ou nas casas de alguns moradores, logo isso proporcionou uma forte integração entre os frequentadores e um sentimento de bem-estar por todos.

Gráfico 9- Atividades da casa e influência socioeconômica

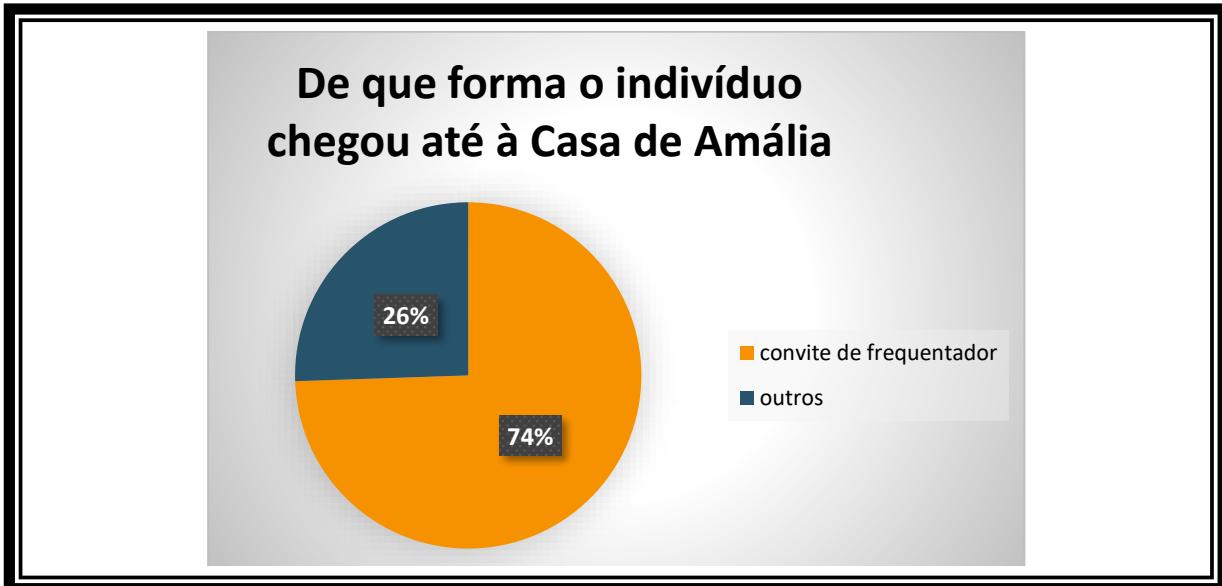


Analizando este gráfico na teoria do desenvolvimento local, é importante descrever sobre o capital social, segundo Lin (1999), a partir das relações sociais existentes como uma maneira de trazer recursos financeiros e melhorar a qualidade de vida, também vem reforçar a identidade do indivíduo, aumentando a sua autoestima, contribuindo com o bem-estar social da comunidade. Também é importante citar o papel da religião no contexto da comunidade, pois com um percentual de 72 % na melhora do relacionamento interpessoal, fica claro que os voluntários têm alcançado por meio de estudos religiosos, modificar os comportamentos dos cidadãos deste bairro.

5.6 De que forma o indivíduo chegou até à Casa de Amália

Com relação aos resultados referentes ao gráfico 10, a maioria respondeu que foi por meio de convite dos outros frequentadores, um pequeno percentual, 26%, respondeu por outros, em razão de serem moradores e estarem participando desde que os trabalhos surgiiram nas adjacências do bairro. Também foi observado que alguns vieram espontaneamente, após o conhecimento deste trabalho social no CEDJ.

Gráfico 10 - De que forma o indivíduo chegou até à Casa de Amália



5.7 Interação e cooperação do grupo

A interação, a cooperação e o acolhimento por espírito de solidariedade são identificados no gráfico 11, verificando que 44 pessoas responderam que sim e apenas 3 afirmaram que não. A análise deste gráfico vem corroborar com as respostas demonstradas no gráfico 9, quando a casa influenciou de forma benéfica, contribuindo para o crescimento pessoal, proporcionando a solidariedade e melhorando o convívio entre todos.

Gráfico 11- Interação e cooperação do grupo

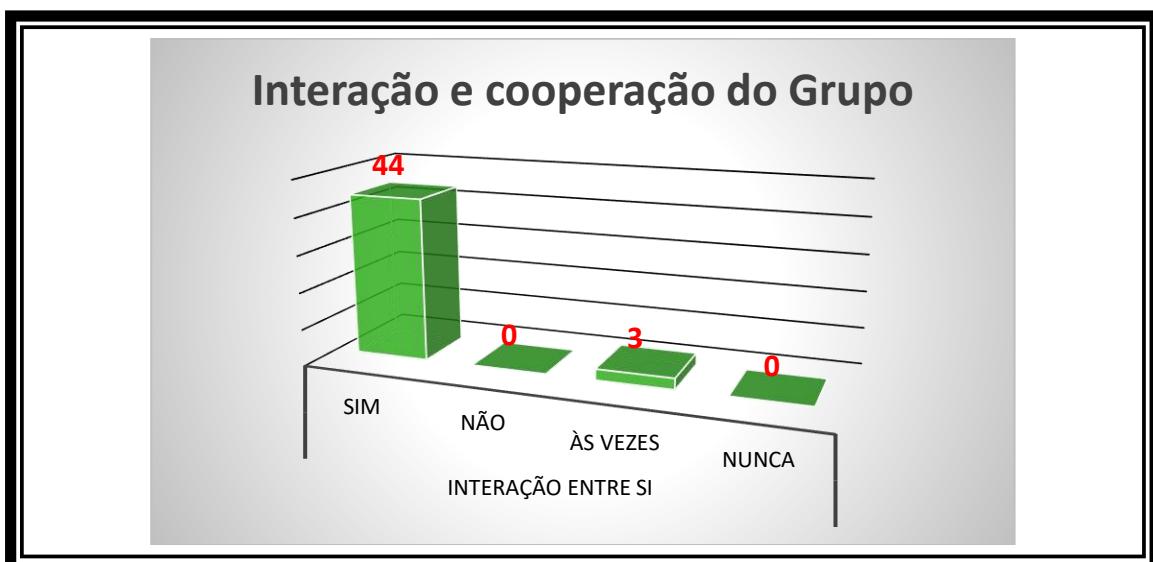


Tabela 6. Interação e cooperação do grupo

Gênero	Quantidade	Percentual
Ocorre interação	44	93,62 %
Não ocorre interação	0	0%
Às vezes ocorre interação	3	6,38 %
Nunca ocorre interação	0	0 %
Total	47	100,00 %

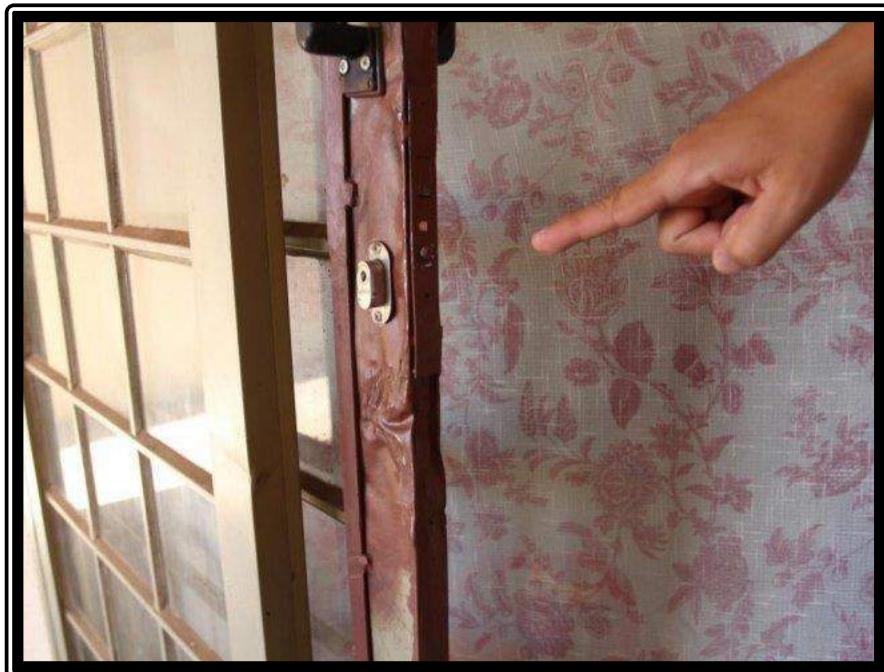
As respostas apresentadas no gráfico 11, demonstram que a comunidade tem se sentido como parte integrante de um território comum, utilizando-se dos princípios e visões que a casa oferece, estabelecendo um sentimento de pertença ao lugar e que existe nas relações afetivas (TÖNNIES,1973).

5.8 Os problemas mais frequentes na comunidade

Com relação a uma questão aberta feita aos frequentadores sobre os problemas enfrentados pela comunidade, as respostas foram as mais diversas, tais como, faltam: saneamento básico, segurança, sinalizações de trânsito próximas às escolas, serviço de limpeza pública, asfalto, recursos financeiros para a manutenção da Casa de Amália, creches, atendimento nas unidades básicas de saúde, atividades extracurriculares para crianças e adolescentes. Também se observam muitas respostas citando o aumento no nível de desemprego, a presença das drogas no bairro, muitos furtos, famílias em situação econômica vulnerável, desestruturadas e que necessitam de orientação ético-moral e atividades que possam contribuir com o fortalecimento dos vínculos entre os moradores.

Entre todos os problemas abordados anteriormente, a falta de segurança é o item que mais esteve presente nas respostas. Em 2018, segundo uma reportagem do Campo Grande News, um casal que mora no bairro há 3 anos já teve a sua casa invadida (Figura 60) inúmeras vezes, e em 3 delas, os assaltantes conseguiram arrombar a entrada. Nos pontos de ônibus é comum roubarem os celulares das pessoas. Um morador que reside há dez anos citou que é comum assaltos e furtos no bairro (KASPARY, 2018)

Figura 60: Casa arrombada no bairro Nova Lima em 2018



Fonte:// www.campograndenews.com.br/direto-das-ruas (2018)

A presença de drogas no bairro também é um problema enfrentado pelos moradores. Também em 2018, segundo o mesmo jornal, foi relatado que havia um grupo de quatro adolescentes e um casal de adultos usando drogas dentro do ônibus que dá acesso ao bairro. Os passageiros ao verificarem o fato, solicitaram ao motorista que os obrigasse a descer, entretanto o grupo alterado pelo consumo da droga começou a depredar o transporte (Figura 61). Com a situação fora de controle, os passageiros foram obrigados a descer do transporte (OLIVEIRA, 2018).

Figura 61: Ônibus depredado no bairro Nova Lima em 2018



Fonte://www.campograndenews.com.br/direto-das-ruas (2018)

Segundo a polícia militar do bairro Nova Lima, o patrulhamento é constante, porém é um bairro com muitos habitantes, são poucas as viaturas disponíveis e tem um número reduzido de policiais para atender a comunidade (IDEM).

5.9 Frequência em reunião fora da Casa de Amália para trocas de informação e experiências

Apesar da casa oferecer palestras que promovam a integração e os relacionamentos interpessoais dentro e fora do espaço físico, cerca de 22 pessoas entrevistadas não fazem uso deste costume, 14 já se reúnem semanalmente e participam em atividades que produzem recursos para a manutenção da casa, 8 participam mensalmente e 3 em reuniões mensais (Gráfico 12).

Gráfico 12- Frequência em reunião fora da Casa de Amália para trocas de informação e experiências



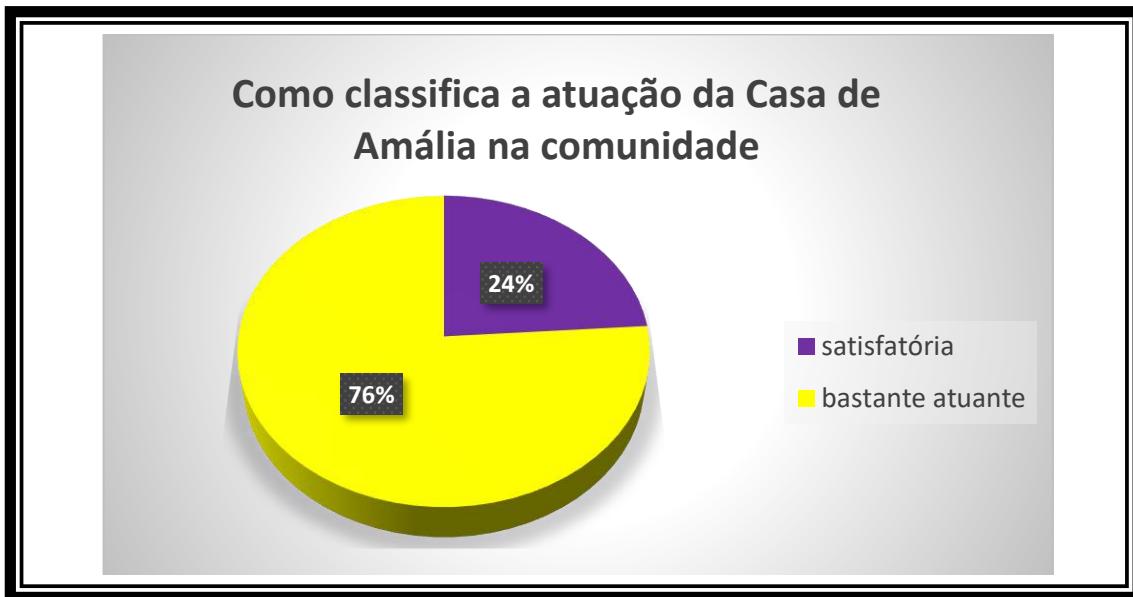
Tabela 7. Frequência em reunião fora da Casa de Amália para trocas de informação e experiências

Período da reunião	Quantidade	Percentual
Outros	8	17,02%
Mensal	3	
Semanal	14	
Não reúnem	22	
Total	47	100,00 %

5.10 Atuação da Casa de Amália na melhora da vida na comunidade

As respostas apresentadas no gráfico 13 divulgam a melhor visualização por parte dos frequentadores em relação à Casa de Amália. Um percentual de 76% afirma que a casa é bastante atuante na melhora da vida na comunidade e 26% consideram satisfatórias as atividades desenvolvidas, não foi marcada a resposta referente à atuação fraca e insatisfatória.

Gráfico 13 - Atuação da Casa de Amália na melhora da vida na comunidade



Os sentimentos de amor e afeto atribuídos a este lugar, o conhecimento e a participação no passado histórico da casa têm fortalecido o sentimento de pertença a este

local, fatores que têm contribuído para o desabrochamento e melhora da visibilidade no espaço (TUAN, 1983).

5.11 As atividades que a Casa de Amália poderia oferecer

A última pergunta do questionário é em relação às atividades que a casa poderia oferecer para o futuro da comunidade. As respostas apresentadas abaixo (Gráfico 14) demonstram que 29 pessoas gostariam do oferecimento do curso de culinária para confecção de pães e bolos, pois a cozinha da edificação possui uma boa estrutura física e poderia ser melhor aproveitada, dezoito optaram por atividades lúdicas (recreação e esportes) e dezesseis preferiram orientações sociais, este estava relacionado aos aspectos de como viver em sociedade.

Gráfico 14- As atividades que a Casa de Amália poderia oferecer



A maioria das respostas dadas pelos participantes abordou a intenção de aumentar a relação da casa com a comunidade, seja desenvolvendo projetos, ou fazendo divulgação dos trabalhos que a Casa de Amália realiza. Há uma dificuldade muito grande na realização dos projetos, devido à falta de voluntários e escassez de recursos financeiros, talvez por meio de parcerias com outras instituições seria possível uma melhoria significativa do público

atendido pelos projetos. A casa já tem uma parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), por meio do Mesa Brasil, o qual tem contribuído com alimentos para atender as famílias em situação vulnerável, mas poderia ampliar esta parceria, trazendo cursos que ensinassem a manipular e aproveitar sobra de alimentos.

O sentimento de pertença sobre aquele dado local deve ser mais desenvolvido para que este venha a ter mais visibilidade. Le Bourlegat (2006, p.44) assinala sobre o que é sentimento de pertença:

Cada espaço de vida é forma-conteúdo e um lugar existencial, pelo qual brota sentimentos de afetividade e de pertença. As diferentes formas de existência são animadas por conteúdos específicos de relação (familiares, comunitárias, societárias), ascendendo por eles um sentimento de afetividade ou de ‘lugar’ (sentimento de lar, de pátria). As manifestações desse sentimento aparecem como bairrismo, nacionalismo.

Promover o desenvolvimento local significa utilizar as diversas dimensões territoriais segundo os interesses da comunidade, proporcionar alternativas para que a comunidade reconheça a importância deste espaço e por meio disto criar nos frequentadores o sentimento de valorização da sua identidade.

No aporte de Carvalho (2008), a promoção e o contato direto entre os participantes de um projeto criam meios de acessibilidade e relações mútuas para gerar a melhoria da qualidade de vida comunitária.

É importante que os atores da comunidade da Casa de Amália sejam os protagonistas deste desenvolvimento, pois ao fazer o questionamento sobre as futuras atividades a serem ofertadas, percebeu-se o interesse na participação deste processo, a sua valorização como integrante neste sistema e que trará para todos uma melhor qualidade de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que são muitas as ações sociais desenvolvidas pelo CEDJ. Tais ações tem o objetivo de atender a sociedade, como foi observado no trabalho social com o Hospital Nossa Lar, na Casa da Criança, no Grupo do Padre Germano, na Casa de Amália, na Sala de Costura Amália Domingo Soler. Estas ações realizadas têm contribuído consideravelmente com o desenvolvimento do capital social, pois tem estimulado a melhoria por qualidade de vida, a solidariedade, a cooperação, a confiança e a amizade.

Percebe-se que ainda há muito a fazer pela comunidade na Casa de Amália, os atores têm consciência disso, porém a casa tem buscado por meio de seus integrantes e da solidariedade externa enfrentar os desafios.

Este trabalho procurou avaliar as ações do CEDJ no contexto territorial em relação às atividades desenvolvidas na Casa de Amália, situada no bairro Nova Lima, na cidade de Campo Grande - MS, demonstrando as potencialidades e perspectivas no âmbito do desenvolvimento local.

A teoria do desenvolvimento local admite que existem fatores interdependentes como a territorialidade, a identidade, a história e a cultura, cada uma com graus de importância semelhantes. Cada um desses itens é de extrema importância para a satisfação das necessidades humanas fundamentais, entre as quais se incluem: a subsistência, a proteção, o afeto, o entendimento, a criação, o ócio, a identidade e a liberdade.

Para que o desenvolvimento local aconteça, o processo tem que ocorrer de dentro para fora, os integrantes de uma comunidade se unem para trabalhar em prol de um objetivo comum visando sempre a melhoria de vida.

Identificou-se nos frequentadores da comunidade da Casa de Amália, tanto pela historiografia quanto pelas respostas, fatores que fazem com que as pessoas se identifiquem com o local e se reconheçam como pertencentes àquela comunidade, itens indispensáveis ao desenvolvimento local. Assim, o que se encontra, são pessoas interligadas por laços de convivência, pela história, cultura e identidade compartilhada, formando uma territorialidade. Itens significativos que contribuem para a satisfação das necessidades humanas fundamentais.

A memória e a identidade estão presentes no contexto do desenvolvimento local, visto que fortalecem o desenvolvimento endógeno.

Quando a comunidade se desperta e projeta-se para profundas alterações, como é o caso do artesanato, objetivando alavancar os recursos econômicos, culturais e sociais dos atores da comunidade, dando relevância às potencialidades locais, promove a integração e a sociabilidade, levando ao envolvimento das partes e criando uma corrente de parcerias em prol do desenvolvimento local.

As trocas de experiências vividas, valores sócio-histórico-culturais estão fortemente presentes no grupo do artesanato que, além da identidade, devem valorizar o seu espaço. O sentimento de pertença que foi construído ao longo do tempo, por meio das experiências vividas, tão presentes na memória da casa, do afeto que este grupo tem pelo lugar que está inserido, foram laços que se criaram e estão bem evidenciados na vida destes membros.

É claro que existem dificuldades para a realização de ações para visibilizar o espaço em razão de que a quantidade de voluntários não é suficiente, os recursos financeiros são escassos, as parcerias precisam firmar-se, entretanto, a vontade, o amor, a solidariedade, este estado de ânimo tem gerado verdadeiros laços de mobilização e cooperação entre os membros do grupo ou até mesmo com membros de outros grupos que estão presentes no CEDJ.

Existem perspectivas de projetos com relação à modernização da sala de costura, implantação do ballet e oferta de cursos de culinária. O estabelecimento de novas parcerias com alguns grupos de patrocinadores pode viabilizar estes projetos, aumentando as atividades na casa e com isso, integrar a casa à comunidade. Infere-se que poderão ser desenvolvidas atividades diversificadas com parcerias de novos projetos e cursos, incentivando a comunidade por meio da mobilização, cooperação, solidariedade e amor ao próximo.

Mas para os voluntários da casa que se revezam com o transcorrer do tempo ou os que permanecem desde os primórdios da casa, o desafio de levar a frente o trabalho é compensado pelos sentimentos positivos gerados na comunidade, capazes de mudar o destino das pessoas.

REFERÊNCIAS

- A CRÍTICA, 2015. Disponível em:< [http:// www.acritica.net/editorias/geral/judiciario-inaugura-hospital-para-tratamento-psiquiatrico/148891/](http://www.acritica.net/editorias/geral/judiciario-inaugura-hospital-para-tratamento-psiquiatrico/148891/)>. Acesso em: 23 de agosto 2018.
- ALVORECER. Campo Grande, ed. nº 11, março 2006.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local.** Sobral: UVA, 2006.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. **Educação Escolar em desenvolvimento local:** realidade e abstrações no currículo. Brasília: Plano Editora, 2003.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. **Formação Educacional em desenvolvimento local:** relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2001.
- BONOMO, Mariana *et al.* **Princípios organizadores das representações de rural e cidade. Sociedade e Estado.** Brasília, v. 28, n. 1, abr. 2013. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acesso em 15 fev. 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Disponível em:< <https://edoc.site/as-formas-de-capital-pierre-bourdieu-1986-pdf-free.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2018.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRUNET, Eliane Medeiros. **O Discípulos de Jesus - Pioneirismo no Espiritismo em Campo Grande.** Alvorada, 2014.
- BRUNET, Roger. **Les Mots de la Geographie.** In: MACHADO, M. S. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. Disponível em:<<http://www.bdmdl.ucdb.br>>. Acesso em 5 de setembro de 2015.
- BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In:
- CAMPO GRANDE NEWS, 2017. Disponível em:< <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/ha-69-anos-na-rua-dom-aquino-escola-casa-da-crianca-inova>>. Acesso em: 23 de agosto 2018.
- CARVALHO, Ana Cristina. **Uma nova visão de mundo.** 2008. Disponível em:<http://www.acervo.sp.gov.br/artigos/arquivos/uma_nova_visao_de_museu.pdf>. Acesso em: 30 de setembro 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura - a sociedade em rede. 7. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CASTILHO, Maria Augusta de; FERREIRA, Rejiane Platero Ferreira. **O Museu das Culturas Dom Bosco: História, Identidade e Potencialidade de Desenvolvimento Local na Educação Básica.** Campo Grande, MS, 2012.
- CASTRO, Jorge Abrahão. Evolução e Desigualdade na Educação Brasileira. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/html/873/87313700003/>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2019.

COSTA, R. **Por um novo conceito de comunidade:** redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 9, n. 17, 2005.

FUKUYAMA, Francis. **Confiança:** As virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GRECO, Maria Madalena Dib Mereb. **A menina e o trem -trilhos e memórias.** Campo Grande- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011.

GUERRERO, M. G.; **La Red Social como Elemento Clave del Desarrollo Local.** Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais. 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Da geografia às geografias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: SADER, E; CENEÑA. A. E. (Orgs.) **La Guerra Infinita: hegemonia y terror mundial.** Buenos Aires: Clacso, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HOSPITAL NOSSO LAR. 2016. Disponível
em:<<http://www.hospitalnossolar.com.br/portal/missao-e-objetivo/>>. Acesso em: 23 de agosto 2018.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=442121&view=detalhes>>. Acesso em: 22 de agosto 2018.

KASHIMOTO, Emilia; MARINHO, Marcelo; RUSSEF, Ivan. **Cultura, identidade e desenvolvimento local:** conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações**, Campo Grande, v.3, n.1, p.13-20, set. 2002.

KASPARY, Bruna. **Falta de segurança no Nova Lima faz moradores investirem em “fortaleza”.** Disponível em:<<https://www.campograndenews.com.br/direto-das-ruas/falta-de-seguranca-no-nova-lima-faz-moradores-investirem-em-fortaleza>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2019.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Construção humana de espaço, lugar e território.** Campo Grande: UCDB, 2006.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Território Vivido e a fenomenologia do lugar. Disciplina: **Territorialidade e Dinâmicas Sócio-Ambientais, anotações de aula.** Universidade Católica Dom Bosco programa de pós-graduação em desenvolvimento local. Mestrado Acadêmico. Campo Grande, 2008.

LIMA Vanusa Ribeiro, CASTILHO, Maria Augusta de. **Monções em Camapuã : Território, História e identidade.** Campo Grande, 2012.

LÓPEZ, T. **Servicio social y desarrollo local.** Chile: 1991.

MARQUES, Heitor Romero et al. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico.** 5 ed. Campo Grande, MS: UCDB, 2017.

MARTINS, Sergio Ricardo Oliveira. O desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações**, Campo Grande, v.3, n.05, p. 51-59, set. 2002.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/ Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.**

OLIVEIRA, Viviane. “**Eles estavam cheirando pó dentro do ônibus”, afirma passageiro.** Disponível em:< <https://www.campograndenews.com.br/direto-das-ruas/-eles-estavam-cheirando-po-dentro-do-onibus-afirma-passageiro>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2019.

ONEWORK. Disponível em:< <http://cedj.org.br/historia/>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

ONEWORK. Disponível em:< <https://cedj.org.br/hopistal-nosso-lar/>>. Acesso em: 23 de agosto 2018.

ONEWORK. Disponível em:< <http://cedj.org.br/galeria/nggallery/album-de-fotos-2/Enxovais-para-mães-carentes/page/2/>>. Acesso em: 26 de agosto 2018.

ONEWORK. Disponível
em:<<https://www.facebook.com/cedjesus/photos/a.708653695927294/1443895669069756/?type=3&theater>>. Acesso em: 23 de agosto 2018.

ONEWORK. Disponível
em:<<https://www.facebook.com/cedjesus/photos/a.708653695927294/1443895759069747/?type=3&theater>>. Acesso em: 23 de agosto 2018.

ONEWORK. Disponível em:< <http://cedj.org.br/galeria/nggallery/album-de-fotos-2/Enxovais-para-mães-carentes/page/2/>>. Acesso em: 26 de agosto 2018.

PEREIRA, Suely Cristina Soares da Gama. **Um olhar na escola do campo com perspectivas para o desenvolvimento local:** Distrito de Pontinha do Cocho - Camapuã - MS. 70 f Dissertação (Mestrado Em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2015. Disponível em:< <https://site.ucdb.br//public/md-dissertacoes/16096-dissertacao-suely-cristina-soares.pdf>>. Acesso em: 2 agostos 2018.

POPULAÇÃO. Disponível em:< <http://populacao.net.br/index.php>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.

PREFEITURA DE CAMPO GRANDE. Semadur. Disponível em:< <https://www.campogrande.ms.gov.br/semadur/mapoteca/page/3/>>. Acesso em: 22 de agosto 2018.

PREFEITURA DE CAMPO GRANDE. Disponível
em:<<http://www.campogrande.ms.gov.br/semadur/mapoteca/nova-lima/>>. Acesso em: 25 de agosto 2018.

PREFEITURA DE CAMPO GRANDE. Disponível
em:<<http://www.campogrande.ms.gov.br/semadur/mapoteca/centro/>>. Acesso em: 26 de agosto 2018.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia:** a experiência da Itália Moderna. 5. Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RECUERO, R. C. Comunidades Virtuais - Uma abordagem teórica. In: V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS, v. 5, n. 2, p. 109-126, 2001.

RUBERT, Diego. Disponível em:<
<https://drive.google.com/file/d/0BywQfyLwhPLUc09hbFkxSEhJUXc/edit>>. Acesso em: 25 de agosto 2018.

REZENDE, Elaine C. Paganotti, CASTILHO, Maria Augusta. **Hotel Gaspar Identidade e Memória no Contexto do Desenvolvimento Local**. Campo Grande, 2018.

ROSENDALH, Zeny. **Espaço e Religião** -Uma Abordagem Geográfica, 2002.

SANTOS, Laura Karolini Alves Urquiza dos. **Valorização Social do Patrimônio Arquitetônico da Zona de Especial de Interesse Cultural do Centro Histórico de Campo Grande/ MS** na Perspectiva do Desenvolvimento Local. 84 f Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2018.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, L. J. O. L. DA. **Globalização das redes de comunicação**: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. O futuro da Internet: estado da arte e tendências de evolução, p. 12, 1999.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In:
 FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Nacional; EDUSP, 1973

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel,1983.

WEBER, Max. Conceitos básicos de sociologia. São Paulo: Centauro, 20012

VALLE, Edênio. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. **REVER - Revista de estudos da Religião**, n. 2, p. 51-73, 2002. Disponível
[em:www.pucsp.br/rever/rv2_2002/p_valle.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2002/p_valle.pdf). Acesso em: 15 fev. 2015.

VOLMIR Rabaioli. **Papel do Capital Social no Desenvolvimento da Região Oeste de Santa Catarina**. 97 f Dissertação (Mestrado Em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014. Disponível em:<<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/15463-rabaioli-volmir-mdl-ucdb-2014-final.pdf>>. Acesso em: 16 de agosto 2018.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FREQUENTADORES DA CASA DE AMÁLIA (CEDJ)- Bairro Nova Lima - Campo Grande - MS

1)Participante: 001

a) Iniciais: _____

b) Reside

() No bairro Nova Lima

() Outro bairro próximo. Qual? _____

() Região distante na cidade. Qual? _____

() Outra cidade. Qual? _____

c) Frequenta a Casa de Amália

() Há menos de 01 ano

() Entre 01 e 05 anos

() Entre 5 e 10 anos

() Há mais de 10 anos

d) Você frequenta a Casa de Amália atualmente

() menos de 1 vez por semana

() 1 vez por semana

() mais de 1 vez por semana

2)Perfil

a) Gênero: () Feminino () Masculino

b) Escolaridade:

() Nunca frequentei a escola

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

() Pós-graduação

c) Renda Familiar:

- Menos que 01 salário mínimo
- 1 Salário Mínimo
- 2 a 4 Salários Mínimos
- Acima de 4 Salários Mínimos

d) A renda familiar é proveniente:

- pensão ou aposentadoria
- emprego no setor privado
- emprego no setor público
- serviços prestados (diarista, jardineiro, consertos em gerais)
- artesanato
- produção de alimentos para venda
- outros _____

3) Quais atividades oferecidas pela Casa de Amália desde a fundação que você já participou:

- Curso de artesanato
- Cabelereiro
- Alfabetização de adultos
- Corte e Costura
- Bordado
- Serigrafia
- Curso básico em computação
- Reforço escolar
- Palestras sobre saúde e prevenção às doenças
- Biblioteca

4) Você participa ou participou em ações da Casa como voluntário?

- sim
- não

5. As atividades frequentadas?

- Influenciaram a renda familiar
- Possibilitaram a mudança de emprego
- Possibilitaram a mudança de escola

- Mudaram hábitos alimentares e ou vícios
 Melhoraram o relacionamento interpessoal na família

6. Como tomou conhecimento da Casa de Amália e suas atividades?

- Mídia - jornal, revista, televisão, internet (facebook ou Whats up);
 Convite de outro frequentador;
 Panfletos;
 Outros. Quais? _____

7. Os frequentadores interagem e cooperam entre si?

- Sim
 Não
 Às vezes
 Nunca

8. Quais os problemas mais frequentes enfrentados pela comunidade?

9. Com que frequência vocês se reúnem fora da Casa de Amália para trocas de informação e experiências?

- Não nos reunimos
 Reuniões semanais;
 Reuniões quinzenais;
 Reuniões mensais;
 Outros:_____

10. Como você classifica a atuação da Casa de Amália na melhora da vida na comunidade:

- não atua
 muita fraca ou insatisfatória
 satisfatória
 bastante atuante

11. Quais atividades você acha que a Casa poderia oferecer
- () horticultura.
- () Curso de culinária para confecção de pães e bolos
- () Mais Turmas de alfabetização de adultos
- () Orientação social (aspectos relativos a vida em sociedade)
- () Línguas estrangeiras
- () atividades lúdicas (de recreação) e esportivas
- () Outras, quais? _____